



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
6º LEVANTAMENTO

MARÇO 2021

**VOLUME 8
NÚMERO**

6

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente Substituto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

João José Trabulo

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Lucas Barbosa Fernandes

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho);

Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão);

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G.

S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hércio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall’Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa Paraibana de Pesquisa, extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer/PB) e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
6º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab/Capa: Pixabay

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra: CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 8, safra 2020/21, n. 6, sexto levantamento, mar. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
17	ANÁLISE CLIMÁTICA
24	ANÁLISE DAS CULTURAS
24	ALGODÃO
32	ARROZ
45	FEIJÃO
61	MILHO
78	SOJA
93	TRIGO
96	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO



RESUMO EXECUTIVO

A presente estimativa para a safra de grãos 2020/21, com a pesquisa de campo realizada na última semana de fevereiro, mostra um crescimento significativo na produção, com um volume de 272,3 milhões de toneladas, 6% ou 15,4 milhões de toneladas superior ao obtido em 2019/20.

Comparativamente à estimativa anterior, observa-se um ganho de 4 milhões de toneladas, sustentado, sobretudo, pelo crescimento de 6,7% na área de plantio do milho segunda safra.

A área de plantio apresenta crescimento de 3,6% sobre a área utilizada na safra anterior, estimada em 68,3 milhões de hectares. Após a colheita, principalmente da soja e do milho primeira safra, são cultivadas as lavouras de segunda e terceira safras e as de inverno, que totalizam cerca de 20 milhões de hectares.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA EM 1.000 HA

Culturas de verão	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Fev/2021 (b)	Mar/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.447,1	1.424,7	(1,5)	(14,5)	(22,4)	(240,9)
Amendoim total	160,5	163,6	164,9	0,8	2,7	1,3	4,4
Amendoim 1ª safra	153,3	157,9	159,2	0,8	3,8	1,3	5,9
Amendoim 2ª safra	7,2	5,7	5,7	-	(20,8)	-	(1,5)
Arroz	1.665,8	1.704,9	1.705,7	-	2,4	0,8	39,9
Arroz sequeiro	366,9	376,8	377,4	0,2	2,9	0,6	10,5
Arroz irrigado	1.298,9	1.328,1	1.328,3	-	2,3	0,2	29,4
Feijão total	2.926,7	2.945,9	2.955,5	0,3	1,0	9,6	28,8
Feijão total cores	1.280,3	1.262,3	1.261,4	(0,1)	(1,5)	(0,9)	(18,9)
Feijão total preto	338,6	363,1	362,3	(0,2)	7,0	(0,8)	23,7
Feijão total caupi	1.307,8	1.320,5	1.331,8	0,9	1,8	11,3	24,0
Feijão 1ª safra	914,5	920,0	921,5	0,2	0,8	1,5	7,0
Cores	365,9	367,2	369,3	0,6	0,9	2,1	3,4
Preto	162,4	163,9	162,6	(0,8)	0,1	(1,3)	0,2
Caupi	386,2	388,9	389,6	0,2	0,9	0,7	3,4
Feijão 2ª safra	1.424,0	1.437,1	1.445,2	0,6	1,5	8,1	21,2
Cores	407,1	387,2	384,2	(0,8)	(5,6)	(3,0)	(22,9)
Preto	159,6	182,6	183,1	0,3	14,7	0,5	23,5
Caupi	857,3	867,3	877,9	1,2	2,4	10,6	20,6
Feijão 3ª safra	588,8	588,8	588,8	-	-	-	-
Cores	507,9	507,9	507,9	-	-	-	-
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	64,3	64,3	-	-	-	-
Gergelim	175,0	175,0	175,0	-	-	-	-
Girassol	47,1	33,9	30,9	(8,8)	(34,4)	(3,0)	(16,2)
Mamona	45,5	45,9	47,7	3,9	4,8	1,8	2,2
Milho total	18.527,3	19.092,4	19.495,2	2,1	5,2	402,8	967,9
Milho 1ª safra	4.235,8	4.200,1	4.281,2	1,9	1,1	81,1	45,4
Milho 2ª safra	13.755,9	14.356,7	14.678,4	2,2	6,7	321,7	922,5
Milho 3ª safra	535,6	535,6	535,6	-	-	-	-
Soja	36.949,7	38.266,3	38.461,5	0,5	4,1	195,2	1.511,8
Sorgo	835,4	830,8	840,5	1,2	0,6	9,7	5,1
Subtotal	62.999,2	64.705,8	65.301,6	0,9	3,7	595,8	2.302,4
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Fev/2021 (b)	Mar/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	425,7	425,7	-	-	-	-
Canola	35,3	35,3	35,3	-	-	-	-
Centeio	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
Cevada	103,4	103,4	103,4	-	-	-	-
Trigo	2.341,5	2.390,4	2.390,4	-	2,1	-	48,9
Triticale	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
Subtotal	2.926,2	2.975,1	2.975,1	-	1,7	-	48,9
Brasil	65.925,4	67.680,9	68.276,7	0,9	3,6	595,8	2.351,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	Fev/2021 (b)	Mar/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.539	2.565	1,0	(2,3)	26,5	(59,6)
Algodão em pluma	1.802	1.743	1.761	1,0	(2,3)	18,2	(40,5)
Amendoim total	3.474	3.484	3.487	0,1	0,4	2,2	12,3
Amendoim 1ª safra	3.554	3.550	3.552	-	(0,1)	1,7	(2,3)
Amendoim 2ª safra	1.771	1.659	1.659	-	(6,3)	-	(112,2)
Arroz	6.713	6.414	6.430	0,2	(4,2)	16,0	(283,6)
Arroz sequeiro	2.468	2.406	2.415	0,4	(2,1)	9,5	(52,5)
Arroz irrigado	7.913	7.551	7.570	0,3	(4,3)	19,5	(342,3)
Feijão total	1.104	1.103	1.108	0,4	0,4	4,5	4,2
Feijão total cores	1.568	1.569	1.580	0,7	0,8	11,2	12,2
Feijão total preto	1.504	1.664	1.624	(2,4)	8,0	(39,8)	119,7
Feijão total caupi	545	504	520	3,2	(4,6)	15,9	(25,3)
Feijão 1ª safra	1.209	1.123	1.110	(1,2)	(8,1)	(13,1)	(98,5)
Cores	1.664	1.610	1.650	2,5	(0,8)	40,4	(13,8)
Preto	1.927	1.660	1.525	(8,1)	(20,8)	(134,6)	(401,6)
Caupi	475	438	425	(2,9)	(10,6)	(12,8)	(50,2)
Feijão 2ª safra	874	980	998	1,9	14,2	18,6	124,4
Cores	1.398	1.625	1.623	(0,1)	16,1	(1,8)	225,2
Preto	1.155	1.762	1.803	2,3	56,0	40,4	647,5
Caupi	573	527	557	5,7	(2,7)	30,2	(15,6)
Feijão 3ª safra	1.481	1.373	1.372	(0,1)	(7,3)	(1,0)	(108,8)
Cores	1.636	1.498	1.498	-	(8,5)	-	(138,4)
Preto	725	618	618	-	(14,7)	-	(106,9)
Caupi	590	587	578	(1,5)	(2,0)	(8,7)	(11,6)
Gergelim	547	547	547	-	-	-	-
Girassol	1.590	1.622	1.630	0,5	2,5	7,5	40,1
Mamona	951	665	802	20,7	(15,6)	137,7	(148,5)
Milho total	5.533	5.525	5.543	0,3	0,2	18,5	10,0
Milho 1ª safra	6.065	5.626	5.487	(2,5)	(9,5)	(139,0)	(578,0)
Milho 2ª safra	5.456	5.578	5.641	1,1	3,4	63,5	185,5
Milho 3ª safra	3.305	3.315	3.315	-	0,3	-	10,9
Soja	3.379	3.497	3.513	0,5	4,0	16,4	134,7
Sorgo	2.991	3.112	3.116	0,1	4,2	3,5	124,6
Subtotal	3.959	4.026	4.050	0,6	2,3	24,0	91,0
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Fev/2021 (b)	Mar/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	2.178	2.178	-	9,6	-	191,0
Canola	912	1.255	1.255	-	37,6	-	343,0
Centeio	2.213	2.255	2.255	-	1,9	-	42,0
Cevada	3.621	3.726	3.726	-	2,9	-	105,0
Trigo	2.663	2.693	2.693	-	1,1	-	30,0
Triticale	2.628	2.840	2.840	-	8,1	-	212,0
Subtotal	2.576	2.638	2.638	-	2,4	-	62,0
Brasil (2)	3.898	3.965	3.989	0,6	2,3	23,7	91,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	Fev/2021 (b)	Mar/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.673,6	3.654,2	(0,5)	(16,4)	(19,4)	(717,1)
Algodão em pluma	3.001,6	2.522,8	2.509,7	(0,5)	(16,4)	(13,1)	(491,9)
Amendoim total	557,5	570,0	575,0	0,9	3,1	5,0	17,5
Amendoim 1ª safra	544,8	560,5	565,5	0,9	3,8	5,0	20,7
Amendoim 2ª safra	12,7	9,5	9,5	-	(25,2)	-	(3,2)
Arroz	11.183,4	10.935,0	10.967,5	0,3	(1,9)	32,5	(215,9)
Arroz sequeiro	905,5	906,6	911,7	0,6	0,7	5,1	6,2
Arroz irrigado	10.277,9	10.028,4	10.055,8	0,3	(2,2)	27,4	(222,1)
Feijão total	3.222,1	3.250,0	3.273,6	0,7	1,6	23,6	51,5
Feijão total cores	2.008,0	1.981,0	1.993,7	0,6	(0,7)	12,7	(14,3)
Feijão total preto	509,5	604,2	588,6	(2,6)	15,5	(15,6)	79,1
Feijão total caupi	712,6	665,0	692,0	4,1	(2,9)	27,0	(20,6)
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.033,6	1.023,0	(1,0)	(7,5)	(10,6)	(82,6)
Cores	609,0	591,2	609,5	3,1	0,1	18,3	0,5
Preto	313,0	272,1	248,1	(8,8)	(20,7)	(24,0)	(64,9)
Caupi	183,6	170,3	165,6	(2,8)	(9,8)	(4,7)	(18,0)
Feijão 2ª safra	1.244,7	1.408,1	1.442,8	2,5	15,9	34,7	198,1
Cores	569,2	629,2	623,6	(0,9)	9,6	(5,6)	54,4
Preto	184,5	321,9	330,3	2,6	79,0	8,4	145,8
Caupi	491,1	457,0	489,2	7,0	(0,4)	32,2	(1,9)
Feijão 3ª safra	872,1	808,6	808,1	(0,1)	(7,3)	(0,5)	(64,0)
Cores	822,1	760,6	760,6	-	(7,5)	-	(61,5)
Preto	12,0	10,2	10,2	-	(15,0)	-	(1,8)
Caupi	37,9	37,7	37,2	(1,3)	(1,8)	(0,5)	(0,7)
Gergelim	95,8	95,8	95,8	-	-	-	-
Girassol	74,9	55,0	50,4	(8,4)	(32,7)	(4,6)	(24,5)
Mamona	43,3	30,5	38,3	25,6	(11,5)	7,8	(5,0)
Milho total	102.518,7	105.481,6	108.068,7	2,5	5,4	2.587,1	5.550,0
Milho 1ª safra	25.689,6	23.629,2	23.490,5	(0,6)	(8,6)	(138,7)	(2.199,1)
Milho 2ª safra	75.053,2	80.076,6	82.802,3	3,4	10,3	2.725,7	7.749,1
Milho 3ª safra	1.775,8	1.775,8	1.775,8	-	-	-	-
Soja	124.844,8	133.817,0	135.131,6	1,0	8,2	1.314,6	10.286,8
Sorgo	2.498,4	2.585,8	2.618,8	1,3	4,8	33,0	120,4
Subtotal	249.410,2	260.494,3	264.473,9	1,5	6,0	3.979,6	15.063,7
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Fev/2021 (b)	Mar/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	845,7	927,1	927,1	-	9,6	-	81,4
Canola	32,2	44,3	44,3	-	37,6	-	12,1
Centeio	10,4	10,6	10,6	-	1,9	-	0,2
Cevada	374,4	385,3	385,3	-	2,9	-	10,9
Trigo	6.234,6	6.437,4	6.437,4	-	3,3	-	202,8
Triticale	41,0	44,3	44,3	-	8,0	-	3,3
Subtotal	7.538,3	7.849,0	7.849,0	-	4,1	-	310,7
Brasil (2)	256.948,5	268.343,3	272.322,9	1,5	6,0	3.979,6	15.374,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.529,6	7,2	3.537	3.441	(2,7)	11.649,6	12.143,9	4,2
RR	76,6	94,0	22,7	4.103	4.010	(2,3)	314,3	376,9	19,9
RO	602,5	638,3	5,9	3.992	3.808	(4,6)	2.405,3	2.430,9	1,1
AC	47,5	45,8	(3,6)	2.147	2.242	4,4	102,0	102,7	0,7
AM	18,7	18,0	(3,7)	2.230	2.433	9,1	41,7	43,8	5,0
AP	24,4	24,2	(0,8)	2.574	2.579	0,2	62,8	62,4	(0,6)
PA	963,4	1.107,8	15,0	2.979	3.007	0,9	2.870,1	3.330,8	16,1
TO	1.560,1	1.601,5	2,7	3.752	3.619	(3,5)	5.853,4	5.796,4	(1,0)
NORDESTE	8.187,7	8.417,0	2,8	2.814	2.753	(2,2)	23.041,9	23.169,5	0,6
MA	1.605,1	1.639,4	2,1	3.489	3.471	(0,5)	5.600,2	5.690,3	1,6
PI	1.535,2	1.649,5	7,4	3.282	3.176	(3,2)	5.038,5	5.239,2	4,0
CE	913,1	909,9	(0,4)	875	621	(29,1)	798,7	564,6	(29,3)
RN	118,3	109,9	(7,1)	538	577	7,3	63,6	63,4	(0,3)
PB	212,9	212,2	(0,3)	649	589	(9,3)	138,1	124,9	(9,6)
PE	465,2	465,2	-	676	600	(11,3)	314,4	279,0	(11,3)
AL	78,2	79,7	1,9	1.331	1.389	4,3	104,1	110,7	6,3
SE	162,5	162,5	-	5.425	5.436	0,2	881,5	883,4	0,2
BA	3.097,2	3.188,7	3,0	3.261	3.203	(1,8)	10.102,8	10.214,0	1,1
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.469,8	3,5	4.349	4.345	(0,1)	123.866,9	128.051,3	3,4
MT	17.212,4	17.705,6	2,9	4.351	4.310	(0,9)	74.898,9	76.318,4	1,9
MS	5.029,5	5.397,4	7,3	4.085	4.240	3,8	20.548,0	22.885,0	11,4
GO	6.074,3	6.201,6	2,1	4.535	4.511	(0,5)	27.547,2	27.977,7	1,6
DF	164,4	165,2	0,5	5.309	5.268	(0,8)	872,8	870,2	(0,3)
SUDESTE	5.855,0	6.297,3	7,6	4.214	4.285	1,7	24.671,6	26.986,6	9,4
MG	3.492,8	3.893,9	11,5	4.401	4.364	(0,8)	15.371,3	16.992,1	10,5
ES	26,0	21,9	(15,8)	1.823	1.986	9,0	47,4	43,5	(8,2)
RJ	2,7	2,2	(18,5)	2.000	2.227	11,4	5,4	4,9	(9,3)
SP	2.333,5	2.379,3	2,0	3.963	4.180	5,5	9.247,5	9.946,1	7,6
SUL	20.108,1	20.563,0	2,3	3.666	3.986	8,7	73.718,2	81.971,6	11,2
PR	9.807,2	10.039,2	2,4	4.166	4.102	(1,5)	40.854,0	41.175,8	0,8
SC	1.287,0	1.315,9	2,2	5.075	4.592	(9,5)	6.530,9	6.043,2	(7,5)
RS	9.013,9	9.207,9	2,2	2.921	3.774	29,2	26.333,3	34.752,6	32,0
NORTE/NORDESTE	11.480,9	11.946,6	4,1	3.021	2.956	(2,2)	34.691,5	35.313,4	1,8
CENTRO-SUL	54.443,7	56.330,1	3,5	4.082	4.208	3,1	222.256,7	237.009,5	6,6
BRASIL	65.924,6	68.276,7	3,6	3.898	3.989	2,3	256.948,2	272.322,9	6,0

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o sexto levantamento da safra 2020/21 de grãos, com informações atualizadas das culturas de primeiro ciclo em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de colheita dessas graníferas e as condições encontradas nas regiões produtoras.

Ademais, disponibiliza as recentes informações sobre as culturas de segunda safra, que estão em fase de plantio e crescimento, sucedendo a colheita dos cultivos de primeiro ciclo.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde novembro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas (<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>), mantendo-se como referência na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todas as Unidades da Federação.

Neste momento, além da pesquisa subjetiva, é utilizado métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE FEVEREIRO

Em fevereiro de 2021, os maiores volumes de chuva ocorreram principalmente nas Regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste, com totais que ficaram acima da média na maioria dos seus estados.

Na Região Norte, a precipitação total ficou na faixa entre 150 mm e 500 mm em praticamente todos os estados, com exceção de Roraima, onde os volumes ficaram entre 30 mm e 80 mm. Em Belém, por exemplo, o total de chuva em fevereiro foi de 614 mm, 25% acima da média histórica.

No mesmo período, os acumulados de precipitação na Região Sul foram dentro da faixa normal ou abaixo, na maioria das localidades, com totais variando entre 70 mm e 120 mm. Contudo, no extremo-sul do Rio Grande do Sul e leste de Santa Catarina, os volumes na faixa entre 180 mm e 300 mm ultrapassaram a média em diversas localidades.

No Centro-Oeste, os volumes de chuva em fevereiro foram abaixo da

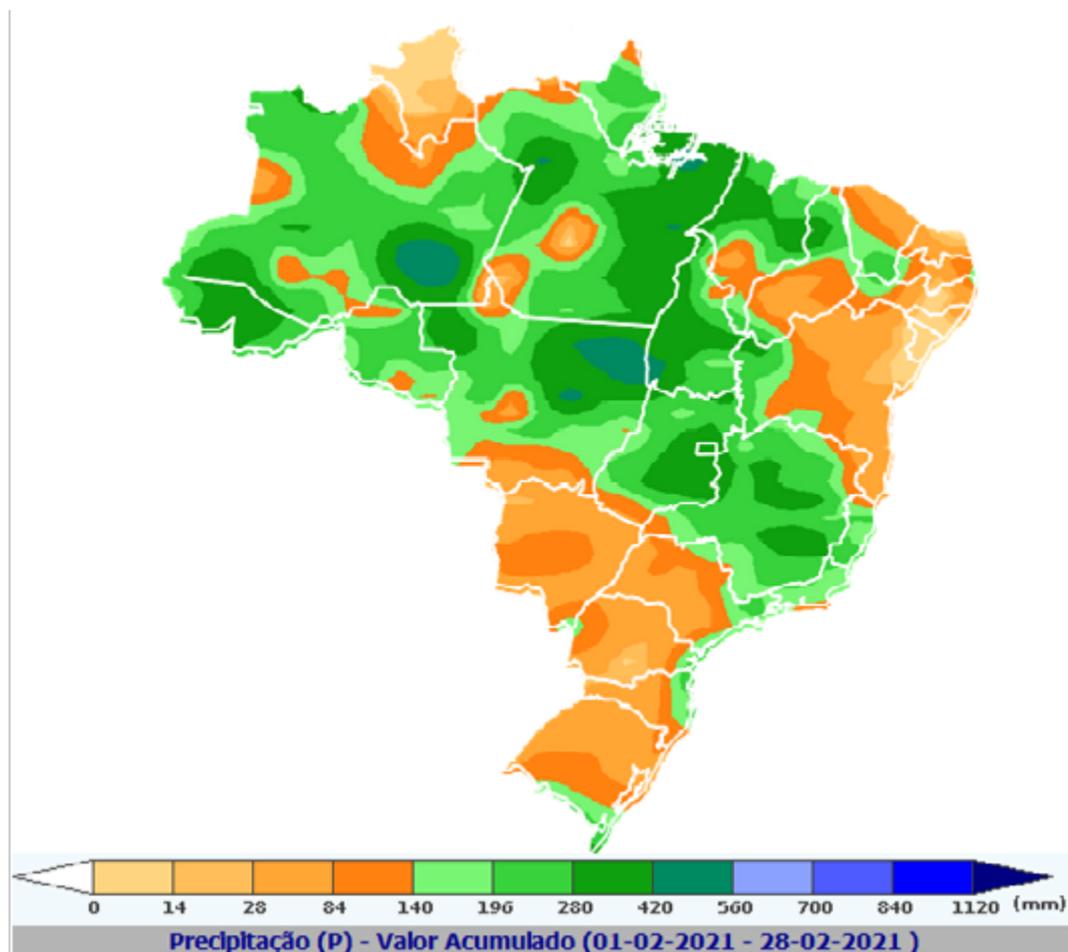
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.

média no extremo-sul de Goiás, sul do Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, com totais variando entre 70 mm e 120 mm. Nas demais áreas de Goiás, no centro-norte do Mato Grosso e no Distrito Federal, os volumes acumulados foram bem mais elevados, com totais entre 180 mm e 500 mm, resultando num fevereiro mais chuvoso da série histórica da estação meteorológica de Brasília.

No Sudeste houve grande contraste na distribuição espacial das chuvas. Os maiores volumes ocorreram no Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e faixa leste de São Paulo, com totais na faixa entre 180 mm e 590 mm. Nas demais localidades de São Paulo os totais variaram entre 70 mm e 130 mm.

Na Região Nordeste, fevereiro marca o início da quadra chuvosa no norte da região, onde os totais acumulados ficaram entre 200 mm e 500 mm entre o norte do Maranhão e o sul do Ceará. No oeste da Bahia, os totais variaram entre 150 mm e 250 mm, ficando acima da média histórica do mês. Também foram observados volumes elevados no litoral da Paraíba e de Pernambuco, com totais entre 160 mm e 290 mm. Nas demais

FIGURA 1 - MAPAS DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM FEVEREIRO/2021



Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na segunda quinzena de fevereiro de 2021, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial manteve o padrão de La Niña dos últimos meses, porém perdeu intensidade nas anomalias negativas de temperatura da superfície do mar (TSM) na faixa equatorial, como pode ser observado no mapa de anomalias de TSM.

Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nos últimos meses mostram uma sequência de vários dias com anomalias negativas

atingindo e persistindo em um patamar de desvios negativos perto de $-0,7\text{ }^{\circ}\text{C}$ até o início de março, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W - 120°W).

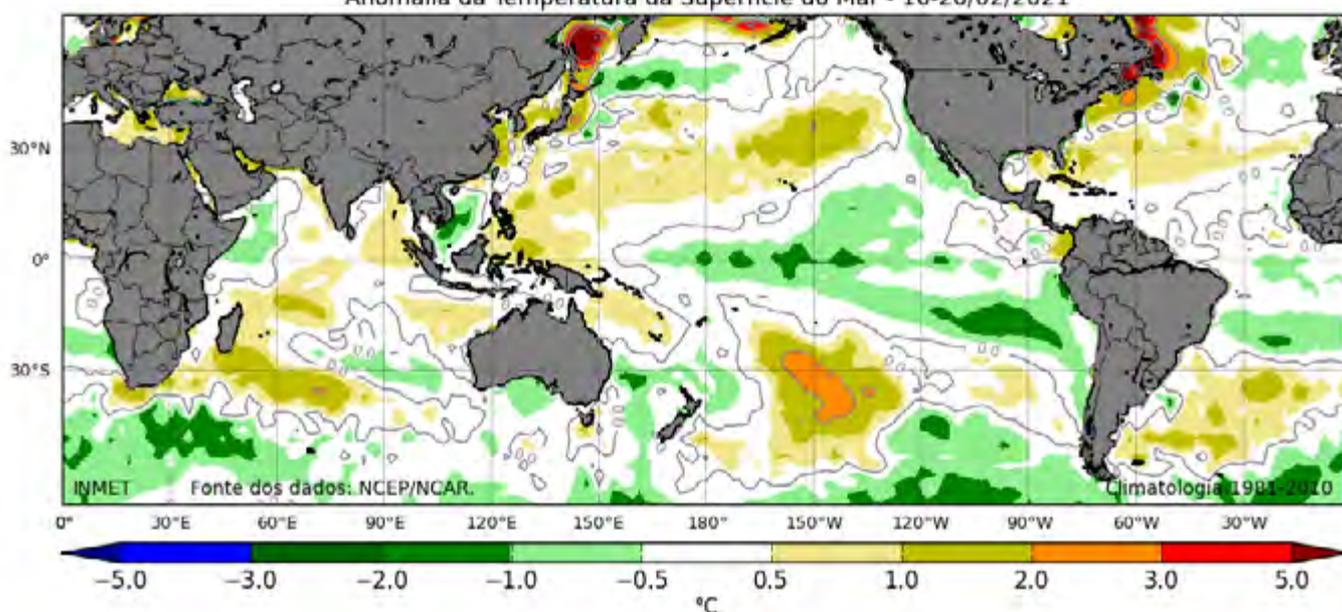
Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $+0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$.

No Atlântico Tropical, as anomalias positivas ao norte do equador continuam e perderam intensidade lentamente, contudo as anomalias negativas ao sul mantiveram a intensidade na última quinzena de janeiro. Esse cenário mantém o Dipolo do Atlântico com sinal positivo, porém com menos intensidade que em janeiro.

O enfraquecimento desse sinal positivo do Dipolo é fundamental para qualidade da quadra chuvosa no norte do Nordeste.

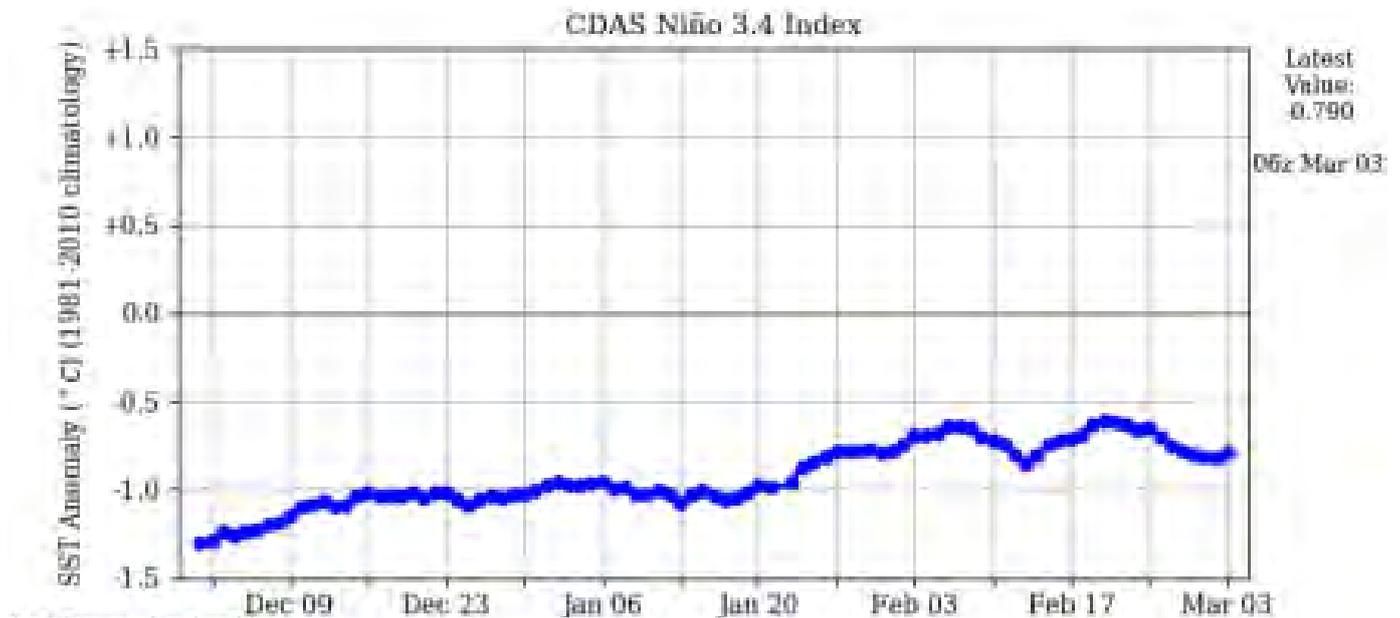
FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 28/02/2021

Anomalia da Temperatura da Superfície do Mar - 16-28/02/2021



Fonte: Tropical Tidbits. Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis>

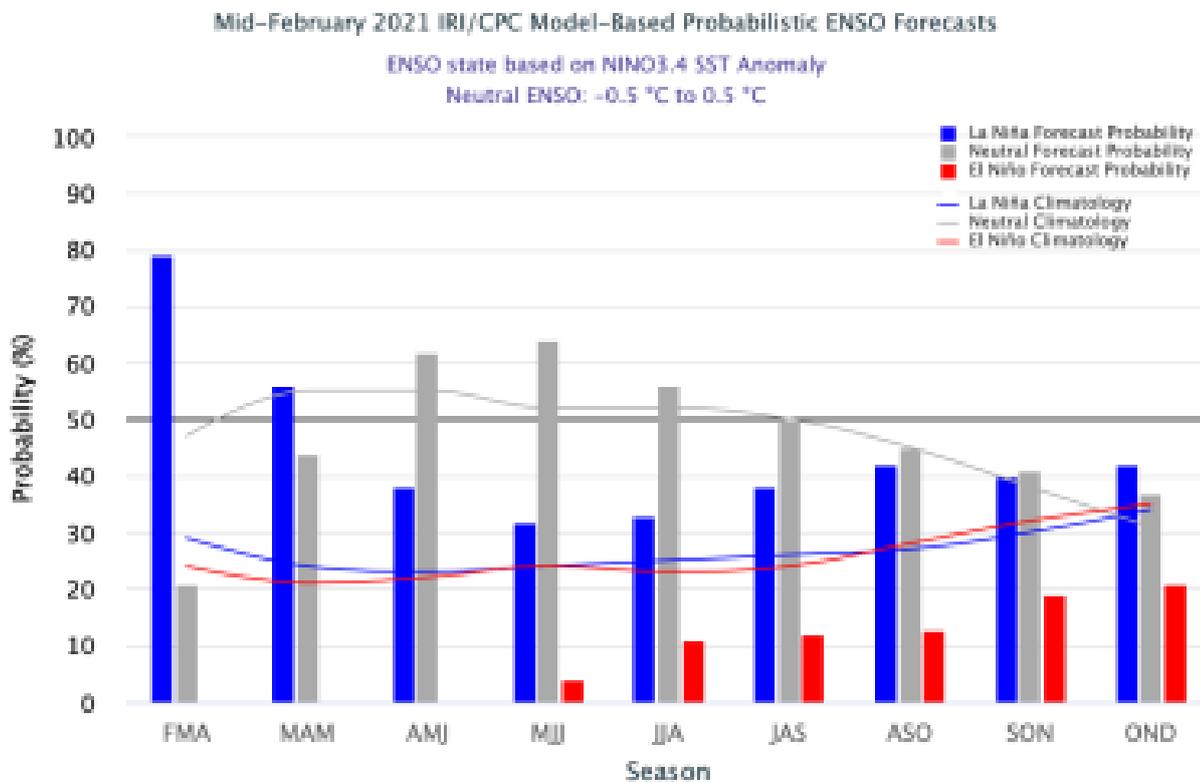
GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: Tropical Tidbits. Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidades entre 70% e 90% de continuidade do fenômeno La Niña até o trimestre fevereiro-março-abril/2021. Após esse trimestre, as probabilidades indicam que o Oceano Pacífico deve entrar em uma fase de neutralidade.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI. Disponível em: <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – MARÇO-ABRIL-MAIO/2021

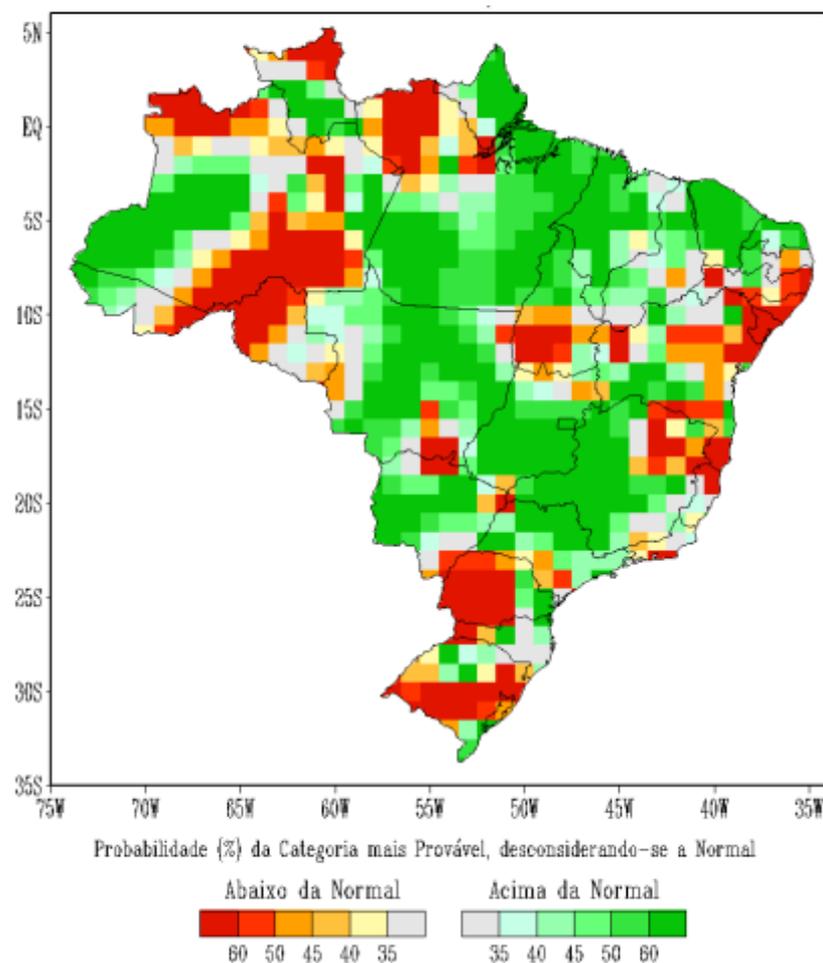
Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas abaixo da média climatológica em praticamente toda a região. Há possibilidade de distribuição espacial e temporal bastante irregulares na região em março, resultando em áreas isoladas com chuvas abaixo da média, principalmente no Paraná e leste de Santa Catarina.

As previsões climáticas indicam irregularidade espacial na distribuição das chuvas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, porém com maior probabilidade de acumulados acima ou dentro da faixa normal do trimestral.

Na Região Norte, norte da Região Nordeste e no Matopiba, predomínio de áreas com probabilidade de chuvas acima ou próximas da média durante o trimestre março, abril e maio de 2021. No sul de Tocantins, oeste da Bahia e faixa leste do Nordeste, há possibilidade de uma maior irregularidade na precipitação, podendo resultar em totais abaixo da média.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [sítio do INMET](#).

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL/2021



Fonte: Inmet.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.424,7mil ha
-14,5%

PRODUTIVIDADE

1.761 kg/ha
-2,3%

PRODUÇÃO

2,51 milhões t
-16%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.764,9 mil t
PRODUÇÃO 2.509,7 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.275,6 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 700 mil t
EXPORTAÇÕES 2.075 mil t
2.775 mil t

Com o avanço da colheita de algumas graníferas de verão, especialmente a soja, a semeadura do algodão considerado de segunda safra se intensifica. Tal cultivo, realizado em sucessão às culturas de primeira safra, tem ganhado bastante relevância no âmbito nacional, gerando maior aproveitamento de terras agricultáveis, além de diversificação para os investimentos dos produtores.

Vale ressaltar que as lavouras plantadas mais cedo, entre novembro e dezembro de 2020, têm apresentado bom desenvolvimento nas

principais regiões produtoras e já se encontram em fases fenológicas mais avançadas, como floração e formação de maçãs.

Somando-se os dois períodos de plantio, a estimativa geral ainda é de redução na área semeada em comparação a 2019/20. Prevê-se uma destinação de 1.424,7 mil hectares, indicando diminuição de 14,5% em relação ao período anterior, fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de Covid-19 em 2020, que provocou a paralisação das vendas, renegociação e cancelamentos de contratos firmados, que elevou os estoques mundiais de passagem e provocou menor venda da safra a ser plantada, quando comparada à safra anterior.

As condições climáticas ainda apresentam oscilações, especialmente em relação às chuvas, porém a expectativa atual é que não haja comprometimento nas operações de implantação das lavouras dentro do período ideal de semeadura.

OFERTA E DEMANDA

Em seu melhor desempenho em um mês de fevereiro da história, o Brasil exportou 235,5 mil toneladas de pluma. Esse volume é 38% acima do exportado em fevereiro de 2020. No acumulado deste ano, o país exportou 509,4 mil toneladas, volume 6% superior ao escoado nos dois primeiros meses do ano passado, que foi de 478,7 mil toneladas. A receita com as vendas ao exterior totalizou US\$ 377,67 milhões, montante 40% superior em relação a fevereiro de 2020.

A China, com a pandemia sob controle, é o principal importador da pluma

no mercado mundial. De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), a expectativa para a safra 2020/21 é que o país asiático importe 2,39 milhões de toneladas de pluma, volume 57% superior a Bangladesh, segundo maior importador.

A estimativa é que o mundo importe na safra 2020/21 cerca de 25,5 milhões de toneladas, volume 12,8% superior ao período 2019/20. Nesse cenário, tanto os Estados Unidos quanto o Brasil, primeiro e segundo principais exportadores do mundo, respectivamente, passam por um momento de forte desempenho das vendas externas. Com isso, as cotações do algodão seguem aquecidas e, no Brasil, atingem patamares nominais recordes.

Diante de preços da pluma em patamares bem elevados, fica a preocupação de como será o processo de repasse da alta dos custos para o consumidor final de têxteis.

Assim, depois do PIB encolher mais de 4% em 2020, o Brasil se encontra atualmente com as maiores taxas de contaminação e mortes desde o início da pandemia. Isso poderá contribuir para que a recuperação da economia siga de maneira lenta. Com o encarecimento da matéria-prima, o consumo doméstico de pluma poderá diminuir durante o ano de 2021 e não alcançar o volume de 700 mil toneladas estimadas no quadro de oferta e demanda da Conab.

Para o ano de 2021, em se confirmando o retorno do consumo interno para o patamar de 700 mil toneladas, a queda de 16% na produção, estimada em 2,5 milhões de toneladas, e as exportações acima dos 2 milhões de toneladas, o estoque final deve cair depois de cinco anos consecutivos de altas.

A estimativa da Conab é que termine o ano em 1,5 milhão de toneladas. Esse cenário de menor oferta interna deverá manter os preços no mercado doméstico elevados e proporcionar boa rentabilidade ao produtor.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	445,5	1.734,0	31,5	2.211,0	810,0	748,6	652,4
2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9
2020/21	Fev/21	1.764,9	2.522,4	1,0	4.288,3	700,0	1.513,3
	Mar/21	1.764,9	2.509,7	1,0	4.275,6	700,0	1.500,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Centro-Oeste, considerada a maior região produtora do país, a estimativa de área plantada é de 1.066,1 mil hectares, redução de 13,6% em comparação ao exercício anterior.

Em Mato Grosso, que participa com mais 95% deste total, o cultivo de algodão está finalizado. Houve a confirmação de redução na área plantada em comparação à temporada passada, especialmente em razão da menor janela para o plantio e o risco associado à semeadura fora do período ideal, bem como à alta dos preços pagos pelo milho, gerando assim maior concorrência de área para o algodão na escolha da cultura de sucessão à soja de primeira safra. Portanto, o total semeado nesse ciclo

ficou em 1.014,4 mil hectares, representando diminuição de 13% em relação a 2019/20.

Atualmente as lavouras estão, majoritariamente, em fase de floração e formação de maçãs, apresentando boas condições fitossanitárias.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras estão apresentando ótimo desenvolvimento, apesar das restrições hídricas pontuais em parte do ciclo. O manejo da cultura é tem seguido constante, especialmente em relação ao controle de pragas, como a lagarta do cartuxo (*Spodotera frugiperda*) e o bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*).

Em Goiás, segundo maior estado produtor da região, a perspectiva também é de redução na área plantada em comparação à temporada anterior. As operações de semeadura estão em fase final, com mais de 95% dos 27,3 mil hectares estimados efetivamente plantados. Essa diminuição de área esperada é reflexo da alta concorrência de área para o cultivo de outras graníferas como milho e soja, que atualmente têm apresentado muito boa rentabilidade, além da diminuição da demanda mundial pela pluma do algodão.

Vale ressaltar que há duas épocas de plantio da cultura no estado, sendo a primeira entre novembro e dezembro e a segunda entre janeiro e fevereiro. Estima-se que 70% das lavouras tenham sido implantadas no primeiro período, e os outros 30% são relacionados ao plantio de segunda safra, sucedendo à colheita da soja. De modo geral, as lavouras já implantadas apresentam boa sanidade, com bom manejo de pragas e doenças, até o momento.

Na Região Nordeste, a Bahia, segundo maior produtor nacional, também

apresenta expressiva redução na área plantada, atingindo 266 mil hectares, 15,2% de redução em relação à safra 2019/20. Essa diminuição é fruto da retração do mercado, ocorrida durante a pandemia de Covid-19, que provocou a paralisação das vendas, além da erradicação de lavouras de segundo ciclo no centro-norte baiano em razão do plano de defesa agropecuário local, visando o combate do bicudo do algodoeiro.

De maneira geral, as lavouras estão, predominantemente, em fase reprodutiva, com perspectiva de melhores rendimentos nas áreas concentradas no extremo-oeste do estado, pois foram menos afetadas pela escassez hídrica, e reduções mais expressivas no potencial produtivo daquelas lavouras localizadas no centro-sul baiano, onde a estiagem perdurou por mais tempo e acometeu a cultura em fases críticas do desenvolvimento.

Na Região Sudeste, Minas Gerais se destaca na produção da fibra. Para esta safra foram destinados cerca de 31,1 mil hectares à cotonicultura, representando redução de 18,4% em comparação à área plantada em 2019/20. Tal decréscimo se justifica pela concorrência de área com outras culturas como soja, milho e feijão, que, nesta temporada, têm apresentado melhores rentabilidades. Atualmente, as lavouras estão demonstrando bom desenvolvimento, projetando rendimentos satisfatórios, desde que as condições climáticas se mantenham favoráveis.

Em São Paulo houve expressiva redução na área plantada em comparação ao exercício passado. Muitos dos produtores tradicionais da região de Avaré optaram pelo plantio de soja em detrimento do algodão, aproveitando o momento de preços atrativos que a soja tem apresentado. Assim, o estado passou de 11 mil hectares cultivados em 2019/20 para 4,7 mil hectares semeados neste ciclo. Atualmente, as lavouras apresentam

boas condições fitossanitárias e estão, majoritariamente, em fase de floração e formação de maçãs.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor de algodão nesta safra. O plantio está praticamente finalizado, restando apenas algumas áreas a serem semeadas após a colheita da soja. Mesmo adicionando esta “safrinha”, a área total plantada deverá ser 25% inferior à temporada passada, ficando em 900 hectares, devido à competição de área com outras culturas. As chuvas ocorridas em dezembro de 2020 e janeiro de 2021 favoreceram a recuperação das lavouras, que sofreram com estresse hídrico no início da implantação. Atualmente, as condições das plantas são consideradas boas, e a maior parte das lavouras está em fase reprodutiva.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2019/2020											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
	MA			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C		
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C		
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C		
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.705,7 mil ha
+2,4%

PRODUTIVIDADE

6.430 kg/ha
-4,2%

PRODUÇÃO

10.967,5 mil t
-1,9%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.595,8 mil t
PRODUÇÃO 10.967,5 mil t
IMPORTAÇÕES 1.100 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t
EXPORTAÇÕES 1.100 mil t

A colheita do arroz está em andamento nas principais regiões produtoras do país e a perspectiva é de obtenção de um volume final inferior àquele apresentado na safra 2019/20, mesmo com aumento na área plantada nessa temporada. As oscilações climáticas ao longo do ciclo (com destaque para forte estiagem registrada na Região Sul, no início da safra) impactaram no potencial produtivo da cultura, reduzindo a expectativa para a produtividade média. De maneira geral, a estimativa é de produção na ordem de 10.967,5 mil toneladas, sendo 1,9% menor que o resultado alcançado no exercício anterior.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra de arroz 2020/21 será 1,9% menor que a safra 2019/20. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de redução da produtividade (-4,2%). Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+2,4%) do que inicialmente previsto nos modelos estatísticos.

Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais.

Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual patamar recorde de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços dos grãos que competem por área com cultura do arroz (soja e milho).

Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste sexto levantamento, não houve significativa alteração dos números apresentados no quinto levantamento. A perspectiva para o longo de 2021 segue sendo uma amena recuperação dos estoques de passagem (+8,5%). Isto é resultado, principalmente, de uma projeção de retração do consumo em razão da perspectiva de recuperação econômica, haja vista a elasticidade-renda negativa do arroz.

Sobre a balança comercial, a projeção de preços elevados, somada à estimativa de fortalecimento da moeda nacional, alterará o cenário de superavit, identificado na safra 2019/20, para um equilíbrio entre volume exportado e importado em 1,1 milhão de toneladas.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9	
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9	
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9	
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8	
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0	
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	11.000,0	1.813,4	1.595,8	
2020/21	Fev/21	1.595,8	10.935,0	1.100,0	13.630,8	10.800,0	1.100,0	1.730,8
	Mar/21	1.595,8	10.967,5	1.100,0	13.663,3	10.800,0	1.100,0	1.763,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte, a previsão é de incremento na área plantada em comparação à safra anterior, podendo potencializar a produção que, atualmente, está estimada em 1.012 mil toneladas (aumento de 2% em comparação à safra passada). Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção de Tocantins.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro, apresentando dois períodos distintos de plantio (de outubro a dezembro e de janeiro a fevereiro). Atualmente, toda a área prevista para semeadura do arroz já foi plantada e a oferta de água foi suficiente para o suprimento das plantas (os talhões já estabelecidos com a cultura se encontram em boas condições).

A cultura se encontra nos seguintes estágios: 43% em floração, 20% em enchimento de grãos e 37% em maturação e apta a colher. A colheita iniciará na primeira quinzena de março.

As primeiras estimativas apontam para uma área total cultivada de 42,5 mil hectares, com perspectiva de produção de 139,5 mil toneladas.

No Acre, o cultivo de arroz é unicamente de sequeiro, é cultivado na safra de verão, e o plantio ocorre de outubro a dezembro, época em que é mais favorável ao desenvolvimento da cultura devido ao período chuvoso.

Na safra 2020/21, devido ao baixo volume de chuvas, o plantio foi mais tardio, mais concentrado em novembro e dezembro.

Mesmo com o aumento da demanda e do preço comercial do arroz houve

retração de 22,4% na área cultivada em comparação a 2019/20, destinando assim 3,8 mil hectares e prevendo uma produtividade média de 1.239 kg/ha.

Em Tocantins houve aumento na área plantada em comparação ao exercício anterior, especialmente em razão da maior valorização do grão no mercado interno/externo.

As lavouras estão em boas condições, apresentando um bom nível de desenvolvimento. O clima chuvoso não vem contribuindo para o avanço da colheita nas principais regiões produtoras do estado, e a tendência é que a colheita avance durante março, o que poderá acarretar um grande volume de produto na porta dos armazéns prestadores de serviços. É esperado uma boa produtividade, principalmente, pelo sistema de manejo adotado com pulverizações preventivas para o controle do ataque da brusone do arroz.

Até o fim de fevereiro de 2021, cerca de 35% da área já estava colhida, apresentando boa qualidade nos grãos.

Em Roraima, o cultivo acontece em dois momentos. Uma parte das lavouras, denominada safra de verão, referente à safra 2020/21, foi confirmada em 8.500 hectares, com plantio finalizado no início de dezembro.

Em janeiro foi iniciado o período de colheita do grão e deve se estender até abril. A expectativa é de obter um rendimento próximo a 7.000 kg/ha, entretanto, os produtores destacam o risco de a qualidade do grão ser afetada, caso permaneçam ou aumentem as chuvas de verão.

Já o segundo período de plantio deve acontecer a partir de maio de 2021, com manejo irrigado por inundação.

A estimativa estadual é que, ao todo, sejam destinados cerca de 12,5 mil hectares à rizicultura nesta safra, indicando aumento de 21,4% em relação à temporada passada, motivado pelo elevado preço do arroz.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. A destinação de área ficou em 2,9 mil hectares, simbolizando incremento de 20,8% em relação à safra passada. Quanto à produção, a estimativa é de obtenção de 8,1 mil toneladas, também sinalizando aumento em comparação a 2019/20, impulsionada pelo crescimento de área e pelas melhores condições climáticas registradas nesse ciclo.

No Pará houve pequena redução na estimativa de área plantada em relação a 2019/20, indicando destinação de 44,3 mil hectares nesta safra. Para a produção, a perspectiva é de obtenção de 105,1 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a intenção é de aumento na área plantada em comparação ao ciclo passado. A expectativa é que sejam semeados 166,8 mil hectares, distribuídos em oito estados da região.

No Maranhão, as lavouras de arroz irrigado cultivadas no estado, concentram-se basicamente na região da baixada maranhense, norte do estado, nos municípios de Viana, Vitória do Mearim e Arari, com exceção do município de São Mateus, que se encontra na região central do estado.

Na presente safra, nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e Viana, na Baixada Maranhense, no norte do estado, houve um incremento da área de aproximadamente 62,5% em relação à safra 2019/20 em razão do preço atrativo do produto no mercado.

As lavouras dessa cultura foram implantadas entre julho e setembro de 2020. A colheita foi iniciada em outubro de 2020, nos municípios de Arari e Vitória do Mearim, com área total em torno de 97% colhida até o presente momento. O município de Viana segue com a colheita até no início de fevereiro de 2021.

A área cultivada de arroz irrigado foi de 2,6 mil hectares, com perspectiva de rendimento médio de 6.041 kg/ha e produção total esperada de 15,6 mil toneladas. As lavouras dessa cultura foram implantadas entre julho e setembro de 2020. A colheita foi iniciada em outubro de 2020 nos municípios de Arari e Vitória do Mearim, encontra-se, em sua totalidade, finalizada.

A condução das lavouras com o arroz de sequeiro segue de maneira satisfatória, com previsão de início da colheita para final de março de 2021 e durante abril de 2021.

A área desse cereal nesta safra deve experimentar um relativo aumento de 5,9% em relação à safra anterior, saindo de 89,9 mil hectares na safra 2019/20 para 95,2 mil hectares na safra 2020/21.

No Piauí, a área destinada à rizicultura nesse ciclo apresentou incremento na ordem de 4,3% em comparação a safra passada, atingindo cerca de 56 mil hectares. Esse aumento é devido principalmente ao preço atrativo do cereal. A produtividade esperada é estimada em 1.652 kg/ha e a produção alcançando cerca de 92,6 mil toneladas.

O plantio das áreas de sequeiro foi concluído em janeiro, e as lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento, com cerca de 40% da área em estágio vegetativo e 60% reprodutivo (R4-R5).

Já as áreas irrigadas devem ser plantadas a partir de maio. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, nas quais predomina a agricultura empresarial.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada. Nesta safra, a intenção é de manutenção de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção acima das 21,1 mil toneladas.

A produção de arroz no estado está concentrada em dois perímetros irrigados: Boacica e Itiúba. Ambos localizados nos municípios de Igreja Nova e Porto Real do Colégio, respectivamente. Cada perímetro com regimes distintos de safra. Neste período, mais de 50% da área plantada foi colhida no perímetro Boacica, enquanto no Itiúba a colheita será iniciada em março, com pico de colheita em abril.

Em Sergipe, as boas cotações do grão no mercado nacional incentivaram a colheita, que avançou em janeiro. Os informantes estimam que 95% da área plantada de arroz foi colhida, com parte dessas áreas sendo utilizadas logo após para o plantio de uma segunda safra em 2021.

O cultivo da soca também está sendo usado como alternativa por alguns produtores, objetivando o aumento da produção e a redução dos gastos com insumos na área plantada, visto que a produtividade é menor quando comparada com um novo plantio, iniciado com sementes selecionadas. De acordo com um produtor entrevistado, a redução de rendimento é de 30% quando utilizado o cultivo da soca.

As condições das lavouras são boas, com alguns relatos localizados de brusone e ataque de percevejo, uma vez que bem controlados e sem causar prejuízos significativos, de forma que o rendimento médio obtido, até o

momento, é de 7.546 kg/ha.

No máximo 5% da produção é armazenada para uma venda futura. Apesar dos preços mais elevados no mercado nacional e das boas condições climáticas, a estimativa atual é de manutenção da área plantada, ficando em 4 mil hectares.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, houve incremento na área plantada em 2,3%, quando comparada à última safra, totalizando 156 mil hectares semeados. Quanto à produção, espera-se que sejam colhidas cerca de 613,8 mil toneladas, representando incremento de 3,3% em relação a 2019/20.

Em Mato Grosso se iniciou a colheita de arroz, ainda que de forma incipiente, com apenas 1,1% da área dedicada à cultura já colhida. A expectativa é que os trabalhos se concentrem principalmente em março, estendendo-se até abril e maio.

A cultura tem apresentado bom desenvolvimento, e o produto colhido apresenta ótima qualidade, apesar de a umidade do grão estar, para estas primeiras áreas, superior a 20%, um pouco acima do ideal. A expectativa é que excelente rendimento médio seja obtido para esta safra devido aos melhores pacotes tecnológicos empregados e também ao regime favorável de chuvas. A produtividade média é projetada em 3.431 kg/ha, enquanto que o espaço alocado à cultura é de 121,1 mil hectares, o que deverá resultar em produção estadual de 415,5 mil toneladas, 2,6% superior à colhida no ciclo passado.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras de arroz foram favorecidas pela menor pluviosidade de fevereiro, seja para as lavouras mais jovens que

sofriam devido ao processo de inundação e pouca luminosidade, seja para aquelas que estavam maduras, ao possibilitar o avanço da colheita que era prejudicada pelas repetidas chuvas.

Com 51% da área cultivada com arroz colhida e 33% em maturação, a produtividade média tem agradado aos rizicultores, inclusive superando as expectativas geradas durante todo o ciclo da cultura. No entanto, a redução na área plantada acaba por reduzir a perspectiva de produção, que agora está estimada em 67,4 mil toneladas (2,2% menor que em 2019/20)

Os preços ofertados também agradam aos produtores. Dessa forma, cerca de 80% de todo produto colhido, até o momento, já foi comercializado, pois os produtores optaram por garantir a rentabilidade que as cotações proporcionaram, até o momento.

Em Goiás houve incremento na área cultivada em relação ao visualizado na safra passada, chegando a 24,2 mil hectares semeados.

Algumas lavouras de produtores comerciais da cultura de sequeiro entraram em estágio de formação de panícula e enchimento de grãos.

A produtividade média está estimada em de 5.409 kg/ha. A maior parte das áreas foram semeadas em dezembro.

O plantio de arroz irrigado é escalonado durante quatro meses, e a colheita ocorre entre quatro e cinco meses do ano. O arroz irrigado se encontra em diferentes etapas fenológicas, desde a fase vegetativa até colheita.

A colheita ocorre principalmente em abril, e 80% das lavouras se encontram

em fase reprodutiva. Perspectiva de produção na ordem de 130,9 mil toneladas.

Na Região Sudeste, a intenção é de redução de área cultivada em 3,8%, apresentando cultivo nos quatro estados com maior concentração de área em São Paulo.

Em São Paulo, a colheita do arroz avança, e os informantes reportam boa produtividade da colheita e boas condições da lavoura em campo. Lavouras em campo estão majoritariamente em maturação como também, junto ao vale do Paraíba, a safra já entra em maior escala. A partir desta segunda metade de fevereiro a colheita tende a ganhar ritmo, com expectativa de produção total na ordem de 33,4 mil toneladas.

Em Minas Gerais, o plantio foi finalizado em dezembro, incluindo a semeadura das áreas em sequeiro e irrigadas. As áreas irrigadas são cultivadas em municípios com tradição de cultivo, com obtenção de produtividades mais elevadas. A área cultivada ficou em 1,6 mil hectares e a perspectiva de produção é de 7,1 mil toneladas.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é predominantemente irrigado, com apenas um percentual pequeno no Paraná cultivado em sistema de sequeiro.

De maneira geral, esse ciclo apresentou incremento na área plantada em comparação a 2019/20, destinando cerca de 1.139,3 mil hectares à rizicultura nos três estados da Região (aumento de 2% em relação à última safra).

No Paraná, o arroz de sequeiro é cultura de pouca expressão

econômica no estado, praticamente toda para subsistência. A colheita é incipiente e deverá se estender até maio. A expectativa de produtividade é inferior à safra passada devido ao excesso de chuvas em janeiro.

Para o arroz irrigado, a colheita já iniciou, mas está um pouco atrasada em relação à safra passada. A produtividade parece não ter sido afetada pelos revezes climáticos, e estima-se rendimento superior ao ano passado. Ainda há lavoura em fase vegetativa, o que deve alongar a colheita até maio.

Em Santa Catarina, a cultura do arroz está em fase de colheita em grande parte das lavouras. Em que pese que a cultura esteja nesta etapa e com a fenologia apropriada para colher, esta atrasou em razão das chuvas constantes em janeiro, e as operações são 100% mecanizadas.

A região norte, que tradicionalmente semeia mais cedo em virtude da colheita da rebrota ou soca, apresenta as lavouras em estágio mais avançado (granação e ponto de colheita) com alguns municípios já atingindo quase 90% da área colhida, enquanto no sul do estado, este ritmo está mais lento, chegando perto da metade das áreas colhidas.

Em janeiro muitas lavouras que estavam em fase de florescimento, na faixa leste sul, ficaram prejudicadas pelo excesso de chuva e se preconiza um percentual de esterilidade de grãos, que provavelmente chegará a 3% de perda. Além da brusone que afetará também a produtividade neste mesmo contexto.

A área destinada ao cultivo de arroz sofreu redução em alguns municípios, principalmente em razão de avanço imobiliário no município de Tubarão, visto que em algumas cidades as lavouras estão localizadas

às margens de rodovias e em área urbana. Um outro fator importante e preponderante para a perda de área na região de Tubarão é que: como o solo é orgânico, o volume de água que entra nos tabuleiros se torna passível de controle, e a perda de área está aliada a um grande número de produtores que migraram para o plantio de soja, cujo objetivo principal é a necessidade de rotação de cultura, em face da grande infestação de arroz vermelho e à alta salinidade dos solos nestes campos de produção de arroz.

Ainda assim, considerando toda área produtora, as áreas destinadas ao plantio de arroz são muito semelhantes ao observado na última safra, em quase todos os municípios, haja vista que o sistema de cultivo e tipo de solo não permitem, em muitos casos, substituir esta cultura por outra.

No Rio Grande do Sul, a colheita foi iniciada em fevereiro, embora ainda incipiente, e deve evoluir muito no decorrer em março. Temos, até o fim de fevereiro, 4% da área total colhida, 62% em maturação, 34% em fase reprodutiva (floração e enchimento de grãos). Mais adiantado está o processo nas regiões Fronteira Oeste e Planície Costeira Externa, que já se aproximam de 10% da área, enquanto as demais estão entre 0% e 5%.

Após janeiro, com registro de elevados volumes de chuva, que amenizaram os problemas com falta de água, os quais resultaram em baixos níveis de barragens e mananciais naturais, fevereiro voltou a registrar anomalias negativas de precipitação, que variaram de 50 mm a 100 mm, ou seja, choveu de um terço a dois terços do esperado para o período. Devido a isso, volta a apreensão dos produtores quanto à condição de desenvolvimento das lavouras, em especial, aquelas semeadas mais ao final da janela de semeadura e que ainda estão em florescimento e maturação. Por outro lado, esse mês apresentou alta incidência de luminosidade, o que favoreceu a fotoassimilação e, conseqüentemente, o rendimento das lavouras.

Em geral, os problemas com a falta de água em volume suficiente para uma adequada irrigação são mais corriqueiros no oeste do estado, embora também ocorram em outros locais em menor escala. Isso fez com que muitos produtores adotassem a estratégia de “banhos” nas lavouras (irrigação intermitente) sob penalização no potencial produtivo, principalmente por favorecer maior ocorrência de plantas invasoras. Há uma possível perda de produtividade ainda não quantificada, mas que pode chegar em torno de 10%. Embora nesta safra a maior proporção da área tenha sido semeada no melhor período para a obtenção de altos rendimentos, essa redução da disponibilidade hídrica pode anular os ganhos da semeadura antecipada.

Portanto, espera-se uma safra sem recordes, como verificado na anterior, mas também sem grandes percalços quanto à produtividade média. A área, por sua vez, foi acrescida em 2,4% em comparação a temporada anterior, chegando a 968,7 mil hectares.

QUADRO 2 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica		
	Favorável	
	Baixa Restrição - Falta de Chuva	
	Média Restrição - Falta de Chuva	
	Alta Restrição - Falta de Chuva	
	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
PR*	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			

SC**	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense	S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Legenda: **irrigado

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.955,5 mil ha
1,0%

PRODUTIVIDADE

1.108 kg/ha
0,4%

PRODUÇÃO

3.273,6 mil t
1,6%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 269,8 mil t

PRODUÇÃO 3.273,6 mil t

IMPORTAÇÕES 120 mil t

3.639,8 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 3.050 mil t

EXPORTAÇÕES 164 mil t

3.214 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra entre janeiro e abril e o de terceira safra, de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo está com a colheita em fase final nos quase 921,5 mil hectares destinados à cultura pelo país. A produção esperada está na ordem de 1.023 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. Tal estimativa indica redução de 7,5% em relação ao resultado obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo na Região Sul e na Bahia.

Com o início de 2021 veio a implantação das lavouras de feijão segunda safra. É um período importante para a cultura, pois direciona a maior porção de área para tal cultivo, além de apresentar os maiores volumes

de produção em comparação aos outros períodos (primeira e terceira safras). Atualmente, as operações de semeadura estão em andamento, e a perspectiva é de destinação de 1.445,2 mil hectares nesta segunda safra, com expectativa de obtenção de 1.442,8 mil toneladas do grão.

Assim, a perspectiva total para o feijão nesta temporada 2020/21, incluindo as estimativas de terceira safra, é de destinação de 2.955,5 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi) e uma produção de 3.273,6 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO TOTAL

Apesar do baixo estoque para o início da safra 2020/21 e a queda de 7,5% na produção da primeira safra 2020/21, a oferta segue suficiente para abastecer o mercado, até o momento. Isso porque os comerciantes passaram a adquirir o mínimo necessário, ou seja, apenas para honrar os seus compromissos, esperando por uma reação do setor varejista, que se encontra num momento de baixa demanda. Há uma certa dificuldade em repassar os aumentos do preço do grão ao consumidor final. Contudo, os preços seguem em patamares elevados, dado ao ajustado quadro de oferta e demanda e ao fato da intensificação da colheita da segunda safra se dar apenas a partir de maio.

Dado os preços atuais, o produtor tem sido incentivado a investir na segunda safra. E na expectativa de condições climáticas adequadas, a Conab estima um aumento de produtividade em torno de 14% em relação

à segunda safra 2019/20, o que somado a um incremento de 1,5% na área, resultaria num aumento de produção em torno de 15,9%. Essa maior produção esperada será de suma importância para o abastecimento do mercado interno, principalmente no momento em que deverá ocorrer a extensão do auxílio emergencial por mais quatro meses. Em 2020, essa ajuda do governo foi responsável por um aumento da demanda por feijão.

Em se tratando da balança comercial, a redução nas importações é reflexo, em parte, da forte valorização do dólar frente ao real. Em 2020 foram importadas cerca de 113,6 mil toneladas, isto é, 36 mil toneladas a menos que o montante recebido em 2019. A exportação, em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, foi a maior da história, totalizando 176,6 mil toneladas, superando em 12,6 mil toneladas a registrada em 2019.

Em seu sexto levantamento, para acompanhamento da safra 2020/21, a Conab estima uma produção de 3,27 milhões de toneladas. Computando as três safras, esse volume representa um acréscimo de 1,6% em relação à temporada anterior. Caso se verifique o retorno do consumo interno ao patamar de 3,05 milhões de toneladas, haveria um crescimento nos estoques finais em 64%, totalizando 421,1 mil toneladas. Todavia, em

se confirmando a extensão do auxílio emergencial, o consumo poderá aumentar, e os estoques finais ficarem abaixo desse volume estimado.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2011/12	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2	
2012/13	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8	
2013/14	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1	
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1	
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0	
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6	
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4	
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7	
2019/20	240,7	3.229,8	113,6	3.584,2	3.150,0	176,6	269,8	
2020/21	Fev/21	269,8	3.250,0	120,0	3.639,8	3.050,0	164,0	425,8
	Mar/21	269,8	3.273,6	100,0	3.643,4	3.050,0	160,0	433,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de passagem - feijão: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A primeira safra do ciclo 2020/21 está praticamente finalizada nas principais regiões produtoras, restando apenas algumas áreas a serem colhidas, especialmente na Bahia e em Santa Catarina.

De modo geral, as lavouras apresentaram condições consideradas regulares durante o desenvolvimento vegetativo. É importante ressaltar que no início do ciclo boa parte das regiões produtoras registraram chuvas abaixo do esperado e temperaturas acima da média, porém com o avançar dos dias, as condições passaram a ser mais favoráveis, apresentando chuvas mais constantes.

Já no final do ciclo, a preocupação maior foi com excesso de chuvas durante a maturação e a colheita, especialmente na Região Sul, bem como a restrição hídrica nas lavouras do Nordeste, principalmente na Bahia, em virtude do baixo volume pluviométrico registrado no centro e no extremo-oeste baiano.

Destacando alguns estados produtores desse período, Minas Gerais apresentou aumento de área plantada em comparação a 2019/20 e isso ajudou a potencializar a produção final, que chegou a 212 mil toneladas de feijão-comum cores (incremento de 18,8% em relação à temporada passada). De forma geral, as lavouras demonstraram bom desenvolvimento e permaneceram com condições consideradas entre regulares e boas ao longo do ciclo.

Em São Paulo foram 50,1 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nessa primeira safra, alcançando uma produção de pouco mais de 110 mil toneladas. A região sudoeste do estado concentra a maior parte dessa produção (majoritariamente irrigado) e, tradicionalmente, antecipa seu plantio para garantir uma oferta do produto em um período de entressafra, obtendo assim preços mais atrativos. Vale registrar a ocorrência de estiagem em parte do ciclo, reduzindo assim o potencial produtivo esperado para a cultura.

No Paraná, a colheita está recém-finalizada, depois de certo atraso nas operações devido ao excesso de chuvas. O ciclo ficou caracterizado pelas oscilações climáticas, apresentando estiagem no início do desenvolvimento e com a proximidade das fases finais, os altos índices pluviométricos deram a tônica e prejudicaram a qualidade e o rendimento dos grãos. No geral, houve redução na produtividade média e no volume total obtido em comparação a 2019/20, ficando em 1.644 kg/ha e 73,3 mil

toneladas, variações de 18,2% e 20,4%, respectivamente.

Em Santa Catarina, assim como no Paraná, o excesso de chuvas recente teve impacto sobre o ritmo de colheita. Até o fim de fevereiro apenas 15% dos 11,7 mil hectares semeados haviam sido colhidos. A qualidade do produto obtido é considerada satisfatória, e o rendimento médio estimado é superior àquele apresentado na temporada passada. No entanto, a expressiva redução de área plantada nesse ciclo deve condicionar o resultado final, com perspectiva de diminuição de 30,1% em relação à safra anterior, chegando a 23,2 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul houve aumento de área semeada com o feijão-comum cores nessa primeira safra em comparação a 2019/20, chegando a 12,5 mil hectares plantados. O rendimento médio também ficou acima do obtido na temporada anterior, especialmente pelas melhores condições climáticas registradas nesse exercício (que ainda assim apresentou oscilações). No geral, a produção alcançou cerca de 30 mil toneladas, representando incremento de 66,7% ao resultado de 2019/20.

Na Bahia, o cultivo do feijão primeira safra é considerado mais tardio que no Centro-Sul do país. Dessa forma, a colheita ainda está em fase inicial nos 54 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nesse período. As lavouras sofreram bastante com a escassez de chuvas durante parte do ciclo, e essa restrição hídrica deve impactar diretamente no rendimento médio e na produção final obtidas. Atualmente, a estimativa é de redução de 70,9% no volume total em comparação ao resultado alcançado em 2019/20, perfazendo assim 12,4 mil toneladas.

Em Goiás, o manejo do feijão-comum cores nesse período é majoritariamente irrigado, alcançando bons rendimentos médios. Nesta

safra, as lavouras apresentaram desenvolvendo considerado regular, sendo afetadas, em algum momento, pela escassez de precipitações. Assim, a produtividade média ficou abaixo daquela alcançada em 2019/20, porém foi compensada pelo importante aumento de área plantada visualizada nesse exercício. Ao todo, a produção foi superior à temporada passada, chegando a 110,4 mil toneladas.

Outras Unidades da Federação que se destacam na produção do feijão-comum cores na primeira safra são: Distrito Federal, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A Região Sul foi responsável por mais de 92% das áreas plantadas com o feijão-comum preto nesta primeira safra de 2020/21. O Paraná ficou como grande destaque, com cerca de 106,7 mil hectares destinados ao cultivo do produto neste ciclo. A colheita está concluída, e tanto a produtividade média como a produção obtida foram inferiores à da temporada passada. Essa redução no rendimento das lavouras é explicada pela estiagem ocorrida no início do ciclo da cultura e pelo excesso de chuvas registrado entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Esse excesso hídrico, além de ter atrasado a colheita também comprometeu a qualidade do grão, visto que algumas lavouras nem foram colhidas devido à baixa qualidade dos grãos e à baixa produtividade. A forte quebra de safra tem favorecido a manutenção dos preços bem altos, inclusive superiores aos preços pagos pelo feijão-comum cores - algo que raramente ocorre.

No Rio Grande do Sul, a colheita do feijão-comum preto nessa primeira safra está encerrada nos quase 26,8 mil hectares semeados. De maneira geral, as condições climáticas no início do ciclo, com registro de

temperaturas mais elevadas e chuvas abaixo do esperado, impactaram no potencial produtivo, especialmente naquelas lavouras de plantio mais precoce. Além disso, o excesso de precipitações nas fases fenológicas derradeiras também prejudicou o rendimento e a qualidade dos grãos. Dessa forma, houve redução na produção em comparação à temporada passada, ficando em 26,4 mil toneladas, diminuição de 28,5% em relação a 2019/20.

Em Santa Catarina foram semeados cerca de 19,1 mil hectares, representando aumento de 9,6% na área plantada em relação a 2019/20. Porém, as oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo têm influenciado no potencial produtivo da cultura. Inicialmente, o desenvolvimento das lavouras ficou marcado pela escassez de precipitações, especialmente no oeste do estado, que tem um plantio mais precoce do que outras regiões. Já próximo do final do ciclo, as chuvas ocorreram em níveis além do esperado, prejudicando aquelas lavouras que estavam em fase de maturação e reduzindo seu potencial produtivo e a sua qualidade. No geral, a colheita está em fase final, alcançando 85% da área total até o fim de fevereiro. A previsão é de redução no volume total obtido em comparação à temporada passada. Deverão ser 32,5 mil toneladas produzidas, 13,1% menor que no exercício anterior, particularmente em virtude da queda no rendimento médio decorrente das oscilações climáticas.

Além da Região Sul, vale ressaltar o cultivo do feijão-comum preto nesse período em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, mesmo que em áreas menores.

FEIJÃO-CAUPI

Esse é um tipo de feijão que apresenta rusticidade bastante elevada, especialmente em relação à demanda hídrica, adaptando-se bem às condições de menor disponibilidade de água. Por isso, sua maior representatividade é na Região Nordeste e em áreas com características mais áridas no Centro-Oeste e no Sudeste, particularmente em Mato Grosso e Minas Gerais, respectivamente. Ao todo, foram semeados mais de 389,6 mil hectares com a cultura nesta primeira safra, com estimativa de produção na ordem de 165,6 mil toneladas.

Os maiores destaques nesse período ficam por conta do cultivo no Piauí e na Bahia, que, juntos, representam mais de 86% da área estimada para o plantio do feijão-caupi em todo o país. No primeiro estado foram quase 202,5 mil hectares destinados à semeadura da cultura. Já no segundo, cerca de 136 mil hectares plantados. O clima no começo do ciclo se apresentou favorável, mas nas últimas semanas a incidência pluviométrica ficou aquém do esperado em alguns pontos, impactando no potencial produtivo da cultura. De maneira geral, haverá redução no volume total obtido quando comparado ao resultado de 2019/20.

QUADRO 3 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	E/DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	

continua

Legenda - Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT*	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
MG	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP*	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense				S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense				S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense				S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense				S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
Metropolitana de Curitiba				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Catarinense				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Serrana				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense				S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C			

Legenda: *parte irrigado.

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A segunda safra de feijão-comum cores está em andamento, com o plantio da cultura se estabelecendo nas principais regiões produtoras, à medida que se encerram as operações de colheita dos cultivos de primeira safra.

Neste momento, a projeção inicial é de destinação de quase 384,2 mil hectares, distribuídos em todas as regiões brasileiras, com destaque para o cultivo no Sudeste e Sul do país.

A seguir apresentamos a situação atual de alguns estados produtores da cultura no período:

Em Rondônia, o excesso de chuvas registrado nas últimas semanas fez com que houvesse atraso no início da semeadura, agora previsto para ocorrer a partir da segunda quinzena de março de 2021. A intenção de plantio aponta para uma possível expansão de área em comparação à temporada passada, mas ainda depende da melhoria nas condições climáticas.

Na Paraíba, o plantio do feijão-comum cores segunda safra está em fase inicial, com expectativa de destinação de 21,4 mil hectares para tal cultivo. Esta estimativa aponta para redução de 7,5% na área semeada em relação à temporada anterior. Ainda assim o estado é aquele que dispõe de maior área para a produção da cultura na segunda safra dentro da Região Nordeste.

Na Bahia, a semeadura do feijão de segunda safra ocorre após a colheita da soja, com previsão de início a partir de março/abril. Para o feijão-comum cores, a estimativa neste ciclo é de destinação de 11 mil hectares, com sistema de manejo predominantemente irrigado. O extremo-oeste é a mesorregião onde se concentra essa produção.

Em Mato Grosso, a semeadura do feijão-comum cores nessa segunda safra está em andamento, devendo confirmar a expectativa de redução na destinação de área para o plantio em virtude do atraso no ciclo da soja e a menor janela disponível para o cultivo das culturas de segunda safra. Existe a perspectiva por parte de alguns produtores em optar pelo plantio de outras culturas nesse momento e semear o feijão-comum cores mais adiante, no período de terceira safra. Atualmente, a estimativa para essa segunda safra é de destinação de 24,1 mil hectares (diminuição de 41,3% em comparação à área semeada em 2019/20).

No Paraná, a semeadura do feijão-comum cores está em andamento, mas segue em um ritmo aquém do esperado, em virtude do excesso de chuvas em janeiro e da escassez delas em fevereiro. Há preocupação com a conclusão da semeadura dentro de um período considerado ideal, evitando que o ciclo se estenda até o inverno, com possibilidade de ocorrência de geadas. No entanto, como o preço pago pelo produto está atrativo, a intenção é que toda área estimada (cerca de 106,1 mil hectares) seja efetivamente plantada nas próximas semanas.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para essa temporada, a estimativa é de acréscimo na área cultivada em relação a 2019/20, podendo alcançar 183,1 mil hectares. O maior destaque

fica por conta da produção no Sul do país, especialmente no Paraná, que deve representar mais de 70% da área total semeada no Brasil.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios e a área destinada ao seu plantio deve diminuir em comparação à safra passada (3,8% menor), ficando em 1,9 mil hectares. As operações de semeadura ainda não começaram.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área estimada para essa safra é de 6,4 mil hectares. O processo de plantio está diretamente relacionado à colheita das culturas de primeira safra, especialmente a soja e o milho e, por enquanto, vem ocorrendo de forma incipiente.

No Paraná, a expectativa é de aumento importante na área plantada, se comparada à temporada anterior, em razão dos melhores preços pago pelo grão nesse ciclo. Mesmo com excesso de chuvas em janeiro e a escassez delas a partir de fevereiro, a intenção de plantio continua apontando para expansão da área em relação a 2019/20. Ao todo deverão ser cerca de 129,1 mil hectares semeados com o feijão-comum preto nesta segunda safra. Tal valor indica aumento de 18,2% em relação ao total cultivado em 2019/20. As operações de semeadura seguem em andamento.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-comum preto de segunda safra está finalizado, com confirmação de aumento na área semeada em comparação a 2019/20. Foram cerca de 26,2 mil hectares destinados a tal cultivo, visto que as lavouras implantadas estão, predominantemente,

em fase de desenvolvimento vegetativo. As condições fitossanitárias são consideradas boas, até o momento, mas há preocupação quanto ao clima e à possibilidade de estiagem ao longo do ciclo.

No Rio Grande do Sul, a semeadura segue em andamento, com perspectiva de destinação de 18,8 mil hectares. Os preços pagos pelo produto são considerados atrativos, mas as oscilações climáticas podem impactar na tomada de decisão para a escolha desse cultivo.

FEIJÃO-CAUPI

Na Paraíba, a cultura tem grande relevância, principalmente por sua rusticidade, fazendo com que regiões de clima mais árido consigam produzir em quantidade satisfatória. Com isso, o cultivo é bastante pulverizado pelo estado, e a estimativa para essa temporada é de destinação de 76,1 mil hectares de feijão-caupi.

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi de segunda safra ocorre após a colheita da soja, com previsão de início das operações de semeadura a partir de março. O manejo é realizado em condições de sequeiro e se concentra, majoritariamente, no extremo-oeste do estado. O indicativo inicial é de manutenção da área plantada, ficando em 35 mil hectares semeados, mas as condições climáticas registradas no período de implantação das lavouras podem alterar essa destinação de área.

Em Mato Grosso, a perspectiva é de aumento na área semeada com feijão-caupi em comparação a 2019/20, devendo chegar a 153 mil hectares. O seu cultivo no período de segunda safra é favorecido pelo fato de a cultura ser

mais resistente ao estresse hídrico, algo que é comum no outono/inverno do centro-oeste. No atual ciclo, como decorrência do encurtamento da janela para a semeadura de culturas de segunda safra, devido ao atraso no plantio da soja, deverá se apostar mais na cultura, especialmente em regiões que têm padecido mais com a falta de precipitações. O plantio deverá ocorrer somente em março, com predominância das variedades mais tradicionais, tais como Tumucumaque e Nova Era, em detrimento do Mungo Verde e do Aзуqui, cujo manejo e mercado externo não estão tão favoráveis quanto antes.

QUADRO 4 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica												
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
MA	Oeste Maranhense				SS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Centro Maranhense				SS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Sul Maranhense				SS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
CE	Noroeste Cearense		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Norte Cearense		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sertões Cearenses		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		SS	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
MT	Norte Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Nordeste Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sudeste Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
GO	Noroeste Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Norte Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Leste Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sul Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					

Legenda - Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
MG	Noroeste de Minas		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Central Mineira		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Vale do Rio Doce		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Oeste de Minas		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Sul/Sudoeste de Minas		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Campo das Vertentes		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Zona da Mata		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
ES	Central Espírito-Santense		S/E	DV	DV/F	M/C	C					
SP	Campinas		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Assis		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Itapetininga		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
PR	Norte Central Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	S/E	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
	Norte Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
	Sul Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C					

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



MILHO

ÁREA

19.495,2 mil ha

5,2%

PRODUTIVIDADE

5.543 kg/ha

0,2%

PRODUÇÃO

108.068,7 mil t

5,4%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.602,4 mil t

PRODUÇÃO 108.068,7 mil t

IMPORTAÇÕES 1.000 mil t

119.671,1 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 72.149,9 mil t

EXPORTAÇÕES 35.000 mil t

107.149,9 mil t

Desde o início da safra 2020/21, a perspectiva para a produção de milho já se mostrava otimista. O excelente resultado obtido na última temporada, além dos bons preços pagos pelo cereal recentemente influenciaram os produtores a optarem pelo plantio do milho em algum momento do ciclo (seja na primeira, segunda ou terceira safra), gerando uma expectativa de incremento na área semeada, bem como no volume final alcançado.

Portanto, as estimativas atuais apontam para uma produção recorde de mais de 108.068 mil toneladas de milho no país, com destaque para o volume previsto na segunda safra, que representa quase 77% desse total.

Nesse momento, as lavouras de primeira safra seguem em fase de colheita, as de segunda safra avançam em sua implantação e as de terceira safra têm previsão para iniciar seu ciclo a partir de abril.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a companhia apresenta nova expectativa de produção total de milho. É esperada uma produção total de 108,1 milhões de toneladas, ou seja, aumento de 5,4% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante de uma expectativa de aumento de 10,3% da produção de milho de segunda safra, volume suficiente para compensar as perdas por motivos climáticos observada na primeira safra na Região Sul. Todavia, é imperioso destacar que a queda da produção de milho durante a safra de verão poderá causar uma maior escassez do grão enquanto a safrinha não é colhida.

Para os dados de consumo doméstico total, a Conab elevou suas projeções para 72,9 milhões de toneladas durante a safra 2020/21, aumento de 6,2% ao observado na safra 2020. O ajuste no consumo interno ocorre após revisão dos modelos preditivos que captaram um aumento na taxa de crescimento de consumo interno, sobretudo o consumo de milho destinado para a produção de etanol.

Por outro lado, a Conab mantém inalteradas suas projeções de importação e exportação de grãos de milho em um milhão de tonelada e 35 milhões de toneladas para a safra 2020/21, respectivamente.

O estoque final esperado em 2020/21 deverá ser de 11,7 milhões de toneladas, aumento de 10,3% em relação à safra anterior. O ajuste é explicado pelo aumento da produção total de milho em montante superior ao aumento esperado para consumo agregado.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	433,4	81.505,7	893,2	82.832,3	52.646,6	26.163,4	4.022,3
2012/13	4.022,3	80.051,7	789,2	84.863,2	53.520,8	20.882,8	10.459,6
2013/14	10.459,6	84.672,4	315,4	95.447,4	56.483,3	30.131,3	8.832,8
2014/15	12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
2016/17	5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6
2017/18	15.876,6	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,6
2018/19	14.582,6	100.042,7	1.596,4	116.221,7	64.957,8	41.074,0	10.189,9
2019/20	10.189,9	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,9
2020/21	Fev/21	10.602,9	105.481,6	1.000,0	117.084,5	72.149,9	9.934,6
	Mar/21	10.602,9	108.068,7	1.000,0	119.671,6	72.914,5	11.757,1z

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de passagem - Milho: 31 de Janeiro.

AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

O atraso das precipitações ocorrido no início do plantio, nas principais regiões produtoras do país, desempenhou importante influência no desenvolvimento das lavouras do milho primeira safra. Com o plantio mais tardio, todo o ciclo e a estratégia produtiva foi alterada, provocando modificações no planejamento acerca do tamanho da área e até sobre quais lavouras produzir.

Adicionalmente, as instabilidades do clima provocadas pelo fenômeno La Nina, afetou profundamente o desempenho das culturas, particularmente as situadas nos estados da Região Sul, que apresentaram quedas acentuadas nos seus níveis de produtividades, 5.773 kg/ha neste exercício, contra 6.926 kg/ha no passado, revertendo uma expectativa bastante

positiva que existia no início do plantio.

A estimativa de área plantada que refletia este ânimo dos produtores, tendo como suporte as indicações positivas dadas pelo mercado que respeitava uma tendência observada nas últimas safras, crescimento de 1,1%, saindo de 4.235,8 mil hectares no ano passado, para 4.281,2 mil nesta safra, não foi suficiente para compensar os efeitos do clima, e a produção brasileira do milho primeira safra apresentou neste levantamento forte redução, atingindo 23.490,5 mil toneladas, queda de 8,6% em comparação ao produzido no período 2019/20.

AVALIAÇÃO REGIONAL

Na Região Norte/Nordeste houve incremento de 4,2% na área plantada com o cereal, estimada em 1.381 mil hectares. A produção estimada registra redução de 3,5%, atingindo 5.736,8 mil toneladas.

Em Tocantins, o plantio do milho primeira safra apresentou redução na área semeada de 2,2% em relação ao plantio anterior, observando que muitas áreas de cultivo são oriundas de pequenos produtores e foram mantidas. A cultura se encontra desde o estágio de desenvolvimento vegetativo até a fase de enchimento de grãos nas diferentes regiões. A maior parte das áreas se encontra em floração e enchimento de grãos.

No Piauí, a área de milho apresentou redução de 1,6% em relação à safra passada, atingindo 428,5 mil hectares. Essa redução está relacionada à substituição do milho pela soja no sudoeste piauiense. A produtividade média esperada para a cultura gira em torno dos 4.100 kg/ha, redução de

12,8% em relação à safra anterior. Essa produtividade leva em consideração as áreas de agricultura familiar e empresarial. O início do plantio ocorreu em dezembro na região sudoeste piauiense e foi encerrada no final de janeiro na região norte. Em geral, as lavouras estão em boas condições (82%), e em condições regulares (18%). As fases abrangem desde o estágio vegetativo até maturação, apresentando a seguinte distribuição: 30% desenvolvimento vegetativo, 26% floração/frutificação, 39% enchimento de grãos e 5% em maturação. As lavouras com estágio de desenvolvimento mais avançado estão no sudoeste piauiense, onde o plantio ocorreu primeiro.

Na Bahia, a irregularidade das chuvas limitou a produtividade nas regiões centro-sul e centro-norte. No extremo-este está sendo estimado o cultivo de 191 mil hectares de milho, superando a safra anterior em 5,1%. Parte da área anteriormente cultivada com algodão na safra passada passou a ser ocupada por lavouras de milho. Com as chuvas ocorridas durante fevereiro, as lavouras que estão, em sua maioria, em fase de enchimento de grãos, apresentam excelentes características fenológicas.

A produtividade média estimada para a região oeste, é na ordem de 161 scs/ha, superando a safra passada em 9,7%. De acordo com produtores da região, um dos principais motivos da pouca expansão das lavouras de milho tem sido a baixa liquidez, quando comparado com a soja, bem como a venda fracionada. Na região já se comenta sobre compra de milho por parte de traders, para esta safra. No centro norte, as lavouras sofreram com a falta de chuvas, sendo estimada a média de perda em torno de 50%. Com a estiagem registrada em dezembro e janeiro, cerca de 30% das lavouras tiveram perda total, sendo os restos culturais utilizados para alimentação animal, com a utilização de pastejo direto ou colheita das plantas para produção de silagem. As lavouras remanescentes seguem

em fase de enchimento e maturação dos grãos, com o início da colheita prevista para março. Com as chuvas ocorridas em fevereiro, foram realizados novos plantios, e espera-se o cultivo de cerca 4.000 hectares em microrregiões caracterizadas por chuvas de outono/inverno. No centro-sul, a colheita ocorre em 37% da área cultivada, os outros 63% estão em fase de enchimento de grãos, mas com baixa expectativa de produtividade devido à irregularidade hídrica.

Na Região Centro-Sul, após as alterações ocorridas no planejamento dos produtores, a partir das alterações do clima, a área plantada apresentou redução de 0,3% em relação ao ano passado, atingindo 2.900,2 mil hectares. A produção estimada atinge 17.753,7 mil toneladas, redução de 10,1% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a safra se encontra no estágio predominante de enchimento de grãos e apresenta bom desenvolvimento, com excelente produtividade média estimada de 8.398 kg/ha. É importante destacar que o milho de primeira safra no estado se limita a áreas pontuais, e a produção é destinada para alimentação na indústria animal. Houve aumento na área na ordem de 26,7%, saindo de 41,2 mil hectares na safra passada, para 52,2 mil hectares nesta, tendo em vista a escassez do cereal e suas cotações elevadas. No entanto, a opção majoritária no estado é plantar o milho na segunda safra. A expectativa é que a colheita se concentre principalmente em março e abril.

Em Goiás, as lavouras do sul do estado se encontram, em sua maioria, no estágio de maturação. As condições das lavouras, até o momento, são boas, tendo apresentado boa recuperação em relação aos períodos de estiagem ocorridos durante as fases vegetativa e início da reprodutiva.

Nas demais regiões, as lavouras de milho verão caminham para a fase de maturação. Boa sanidade, com relatos de ataques de pragas de forma pontual. Previsão de colheita para final de março e início de abril. Área estimada em 182,1 mil hectares, com produtividades médias mantidas em relação ao levantamento anterior, cerca de 8.280 scs/ha.

Em Minas Gerais, a safra de milho verão se encontra atrasada, existindo lavouras bastante heterogêneas, que vão desde desenvolvimento vegetativo a áreas com milho em maturação. Os estágios fenológicos da lavoura compreendem: 25% no desenvolvimento de grãos, 35% em enchimento e 40% em maturação.

Em São Paulo, com chuvas regulares desde dezembro, as lavouras de milho têm apresentado desenvolvimento favorável, com expectativa de boa produtividade. Tal cenário é válido tanto para o milho pós-feijão quanto para as lavouras plantadas anteriormente. Cabe destacar a incidência da larva do cartucho na região oeste do estado. Esta praga apresentou forte propagação após o período de estiagem em outubro e novembro de 2020. No estado, a área plantada destinada à produção de milho semente e silagem tem se reduzido nos últimos anos devido à melhor atratividade de outras lavouras, tais como a soja. A área semeada apresenta os seguintes estágios no momento: 45% em floração, 30% em frutificação, 20% em maturação e 5% já colhido.

Para a Região Sul, no Paraná, a colheita está em andamento, apresentando redução significativa na produtividade, atribuída, além do clima, também aos ataques de cigarrinhas. A doença, que já era conhecida em regiões mais quentes, ocorreu em larga escala nesta temporada nas regiões de clima frio, onde os materiais disponíveis (sementes) não demonstraram

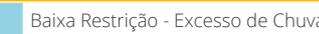
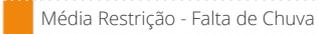
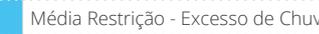
tolerância à doença. A produtividade reduziu sensivelmente e pode haver mais ajustes para baixo quando a colheita for concluída. Em menor escala, para explicar a menor produtividade, deve ser relacionado ao déficit hídrico na implantação das lavouras e ao excesso das chuvas em janeiro.

Em Santa Catarina, a lavoura de milho após ter sofrido com a estiagem no momento da semeadura e em parte do desenvolvimento vegetativo, sofreu ataques da cigarrinha, comprometendo ainda mais os investimentos efetuados pelos produtores. Os cultivares mais semeados foram os que apresentaram maiores suscetibilidades às doenças, que eram apenas pontuais nas safras anteriores e passaram a ser predominantes, associadas à alta precipitação pluviométrica em janeiro, causando perdas importantes na produtividade e qualidade. Também é motivo de atenção a qualidade do grão colhido, uma vez que a presença de ardidos e de fungos nos locais mais atacados acarretam deságios nos preços ao produtor.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de fevereiro foram boas para a colheita do milho, já que a sequência de dias sem chuvas permitiu a entrada das máquinas. Por outro lado, é necessário que ocorram precipitações em breve, já que a anomalia de chuvas em algumas regiões, reduziu o estoque hídrico no solo, proveniente das chuvas de janeiro e início de fevereiro. A semeadura das áreas faltantes do milho está muito próxima da finalização, com mais de 98% da área prevista. Essas áreas são aquelas cultivadas após o feijão ou fumo, nas regiões central e sul do estado. Nas demais regiões, a colheita já atingiu 45% da área semeada, ante os 25% no mês anterior. Do restante, 26% está em maturação, 17% em enchimento de grãos, 7% em floração e 5% em desenvolvimento vegetativo. Nas regiões do Alto Uruguai, Fronteira

Oeste e Missões, praticamente toda a área está colhida, sendo também as regiões em que se verificou as maiores perdas pela estiagem na primavera, superior a 60% de redução na produtividade. No Planalto Médio a colheita também avança, passando dos 50% já colhidos e com perdas que vão de 20% no leste a 50% no oeste, dentro da região. No Planalto Superior, Centro e Sul, as lavouras semeadas mais tarde e que boa parte ainda estão em enchimento de grãos e maturação, aproveitaram as melhores condições para o desenvolvimento, mantendo produtividade dentro do esperado, inicialmente. Com o avanço da colheita, aumentam os relatos de áreas abandonadas devido à seca que acometeu a cultura de setembro a novembro, bem como áreas que foram destinadas à silagem, pastejo animal ou mesmo cobertura morta. No último mês também foram verificados muitos relatos de ataques de cigarrinhas, necessitando maior atenção dos produtores no controle dessa praga. Assim, a produtividade foi mantida como a do levantamento anterior, 4.450 kg/ha, que representa perda de 10,5% em relação ao alcançado na safra anterior.

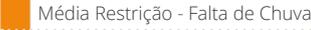
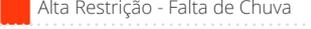
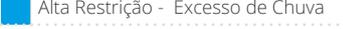
QUADRO 5 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		

continua

Legenda – Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

GO	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
MG	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
SP	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro Ocidental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
PR	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C					
SC	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C				
RS	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

Apesar dos recentes níveis de precipitações ficarem abaixo das médias, na maioria dos estados produtores do milho segunda safra, as operações de semeadura foram mais afetadas pelo atraso na colheita da soja, uma vez que a umidade acumulada no solo, adicionada às chuvas pontuais, mantiveram condições de disponibilidade hídrica dentro do mínimo aceitável em quase todas as regiões produtoras. Dessa forma, a área plantada com o cereal está estimada atingir 14.678,4 mil hectares, representando acréscimo de 6,7% em relação ao exercício anterior. A produção esperada é de 82.802,3 mil toneladas, representando incremento de 10,3% em comparação à safra passada.

No Paraná, o plantio da segunda safra de milho segue lento devido ao alongamento do ciclo da soja que, aliado às chuvas das últimas semanas, dificultam a colheita da oleaginosa. A expectativa é que haja um aumento da área plantada em relação à safra anterior devido aos bons preços do cereal. Estima-se a produção de 13.552,3 mil toneladas, crescimento de 18,7% em relação aos números do ano passado.

Em Mato Grosso, a semeadura do milho atinge 60,6%, enquanto que, há um ano, nesta época, era de 92,1%. Tal atraso decorre do retardamento no plantio da soja e de suas consequências, bem como do excesso de chuvas em algumas localidades, que faz com que o atraso nos trabalhos de plantio se intensifique ainda mais. Existe certa preocupação pelo fato de a janela ideal de plantio ter finalizado no último dia de fevereiro e ainda há muita área a ser semeada no estado, o que resulta em certo risco climático. Contudo, é importante ressaltar a forte adesão por parte dos produtores em relação a pacotes de alta tecnologia.

Com preços recordes e elevada rentabilidade, o produtor tem investido de forma significativa, a despeito do risco climático existente. Este fato tende a resultar em rendimento médio elevado e amenizar, em âmbito estadual, os impactos adversos de eventual escassez hídrica. O fato é que tal desempenho depende principalmente do regime de chuvas para os próximos meses e, caso as chuvas se estendam e sejam favoráveis, o rendimento médio será potencializado pelos grandes investimentos que têm sido realizados para a cultura. A área é estimada em 5.771,8 mil hectares, ante os 5.414,4 mil hectares plantados no ciclo passado, o que equivale a um aumento de 6,6%.

Em Mato Grosso do Sul, o avanço da semeadura segue o ritmo da colheita da soja, que está atrasada em relação às safras anteriores. Primeiramente houve atraso na implantação da leguminosa devido à seca e no mês passado a ocorrência de vários dias chuvosos e nublados, que causou alongamento do ciclo dos cultivos. Aproximadamente 22% da área prevista com milho foi semeada em fevereiro, e as lavouras já emergidas vêm apresentando ótimo desenvolvimento. A área levantada nesta etapa mostrou-se maior em comparação ao mês anterior, atingindo um percentual de 13,4% de aumento em relação à safra passada. Diante dos números expostos, fica evidente que parte sensível da semeadura do milho será executada fora do período indicado pelo Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) logo, não serão cobertas pelo seguro rural e terão maiores probabilidades de perda por seca ou geadas. As lavouras que já iniciaram desenvolvimento vegetativo cerca de 13% da área semeada, até o momento, tem sofrido ataques frequentes de percevejos, que estão migrando da soja em maturação. Alguns locais também relataram início de ocorrência de cigarrinhas, principalmente em lavouras que se situam próximas às pastagens e do milho de primeira safra.

Em Goiás, o plantio já atingiu 40% até o final de fevereiro, ocorrendo de forma simultânea à colheita da soja. O ritmo é lento, portanto, é lento também o ritmo da colheita da soja. Para as áreas já semeadas dentro da janela ideal, a cultura está na fase vegetativa, recebendo as primeiras coberturas de nitrogênio, além de inseticidas para controle de lagartas e cigarrinhas. O plantio ocorre durante o dia e também à noite, visando o aproveitamento da janela de plantio, que se mostra estreita e já saindo do quadro ideal das safras regulares, na medida em que adentra março. Apesar disso, devido aos preços atrativos para o cereal, muitos produtores devem avançar com as operações de plantio até meados de março, uma vez que a remuneração pela saca do grão de milho ainda deve compensar uma redução esperada nas produtividades. Produtores prevendo restrição hídrica devem reduzir estande de plantas por hectare, ou seja, vão evitar estandes acima de 60 mil pl/ha. Em razão da provável redução dos volumes de chuvas, produtores ainda vão arriscar no plantio, ciente que terá reflexos na produtividade final. As lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento, favorecidas pelas precipitações regulares e se encontram, em sua maioria, em emergência e início de desenvolvimento vegetativo.

Em Minas Gerais, a estratégia do produtor de plantar soja na safra verão e optar pelo plantio da safrinha de milho, sinaliza como a escolha definitiva de plantio, a partir de agora. Não houve incremento expressivo nas áreas de milho verão, mas para a segunda safra o incremento foi de 16,4% em relação à safra passada, atingindo 524,7 mil hectares. Ocorre que a janela de plantio está muito estreita e tudo pode mudar, alterando a disposição dos produtores para um plantio maior de sorgo, feijão segunda safra ou girassol. Por enquanto, os dados para milho refletem o aumento potencial da safra e a intenção de plantio em relação à safra passada.

Em Rondônia, apesar de ainda muito cedo, a expectativa é que a área com o cereal será maior que a da safra passada, estimando-se que o incremento atinja 7,5%. Atualmente cerca de 60% da área foi semeada, tendo iniciado na segunda quinzena de janeiro, concentrando em fevereiro e finalizando em março. O nível tecnológico é alto, tal qual o de soja, já que a maioria dos produtores plantam a soja e em seguida o milho. As lavouras implantadas apresentam em excelentes condições, uma vez que a quantidade de chuvas no fim de janeiro e fevereiro foram, em alguns casos, excessivas. Outro fator positivo é a adubação residual de soja, prontamente absorvida pelas plantas em formação.

No Piauí, a expectativa é de aumento na área com relação à safra anterior, já que muitos produtores conseguiram implantar boas áreas de soja ainda em outubro. Com isso, a colheita foi antecipada, propiciando uma maior janela de plantio e em condições climáticas mais favoráveis. O plantio teve início a partir do segundo decêndio de fevereiro e hoje se encontra com 18% da área plantada. Desses, 75% em germinação/emergência e 25% no estágio vegetativo. O planejamento, até o momento, é que seja plantada uma área de 80,4 mil hectares, 150% superior à área da safra passada. Esse aumento significativo na área do milho segunda safra se justifica em virtude de o início do plantio ter sido realizado dentro da janela ideal e pelas condições climáticas favoráveis atualmente, com níveis elevados de precipitação. A expectativa de produtividade gira em torno dos 4.633 kg/ha.

No Maranhão, a implantação das lavouras de milho segunda safra na região sul segue em ritmo ligeiramente abaixo do esperado para esse período em virtude do atraso na colheita de soja em algumas unidades produtivas, influenciado pelo alto volume de chuvas acumulados durante

fevereiro. Em que pese o avanço da semeadura e o estabelecimento das lavouras dependerem de melhores condições climáticas, sobretudo a redução das chuvas por um período suficiente para realização da colheita da soja, estima-se que a área semeada de milho deverá aumentar 5,3% em relação à safra anterior, passando de 182,4 mil hectares cultivado na safra anterior, para os atuais 192,1 mil hectares.

QUADRO 6 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	DV/F	F/EG	EG	EG/M	C		
CE	Noroeste Cearense		S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Cearense		S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Jaguaribe		S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
RN	Centro-Sul Cearense		S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sul Cearense		S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Potiguar		S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PB	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
SP	Assis - SP	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Itapetininga - SP	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	

continua

Legenda – Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
	Centro Ocidental Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

MILHO TERCEIRA SAFRA – 2019/20 E INTENÇÃO DE PLANTIO PARA A TEMPORADA 2020/21

As estimativas de área plantada para o milho terceira safra, no período 2019/20, atingiram 535,6 mil hectares, com produção de 1.775,8 mil toneladas, representando acréscimo de 45,4% em relação à safra 2018/19. Para o exercício 2020/21, apesar das operações iniciarem a partir do segundo trimestre do ano, os suportes estabelecidos pelo mercado sugerem a continuidade do incremento da área plantada, condição que será melhor avaliada nos próximos meses.

A consolidação das três safras indica, para o período 2020/21, uma área plantada com o cereal atingindo 19.495,2 mil hectares, com uma produção esperada de 108.068,7 mil toneladas, representando incremento de 5,2% na área plantada e 5,4% na produção esperada.



Foto 1 – Milho primeira safra em enchimento de grãos no Piauí

Fonte: Conab.

Foto 2 – Semeadura de milho segunda safra em Itaquiraí - MS



Fonte: Conab.



Foto 3 – Milho segunda safra em desenvolvimento vegetativo no Piauí

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

38.461,5 mil ha

4,1%

PRODUTIVIDADE

3.513 kg/ha

4%

PRODUÇÃO

135.131,6 mil t

8,2%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

Neste sexto levantamento, realizado pela Conab, confirma-se o crescimento da área plantada da oleaginosa na safra 2020/21, atingindo 4,1% em comparação à safra anterior, agora estimada em 38,5 milhões de hectares. A evolução das lavouras transcorreu com registros de precipitações abaixo das médias históricas em praticamente todos os estados produtores da oleaginosa. A partir de dezembro e durante janeiro, houve a ocorrência de precipitações mais volumosas, propiciando condições mais adequadas para o encerramento do plantio nas diversas regiões, bem como a normalização no desenvolvimento das lavouras. No atual momento, quando a colheita deveria ocorrer celeremente, dando margem para o plantio subsequente da segunda safra de milho ou de outras culturas, e mesmo para o escoamento aos mercados consumidores, as operações no campo são novamente afetadas pela incidência de chuvas, na maior parte dos estados produtores, retardando a colheita. Mesmo com esse quadro, é esperada uma produção recorde de 135,1 milhões de toneladas, representando incremento de 8,2% em relação à safra passada.

OFERTA E DEMANDA

A média dos preços CBOT em fevereiro de 2021, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), foi de UScents 1.383,20/bu, 56,11% mais alta que fevereiro

de 2020, cotada a US\$ 886,03/bu. Com relação a janeiro de 2021, a alta dos preços Chicago atingiu 0,54%.

A valorização das cotações no mercado internacional em 2021 tem como fundamento a forte demanda de soja para exportação nos Estados Unidos, que ocasionaram no menor estoque de passagem deste país desde a safra 2013/14.

Outro fator que eleva a volatilidade dos preços internacionais foi a divulgação (preliminar) da estimativa de área de soja nos Estados Unidos no Outlook 2021 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), onde este departamento estima que, para a safra 2021/22, os estoques de passagem devem continuar abaixo de 4 milhões de toneladas. Segundo o Usda, a área de soja nos Estados Unidos para a safra 2021/22 deverá ser de 36,42 milhões de hectares, enquanto na safra 2020/21 este valor foi de 33,13 milhões de toneladas.

Esse número é considerado baixo ao levar em consideração que é praticamente o mesmo que o estimado para safra 2017/2018, de 36,24 milhões de hectares, ou seja, apenas agora os Estados Unidos estão recompondo a sua área perdida, provocada pela demanda comercial entre os Estados Unidos e China. Àquele órgão também estima que a produção americana para a safra 2021/22 será de 123,16 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 9,42% ou 10,61 milhões de toneladas se comparada a safra 2020/21.

Além disso, cabe ressaltar que a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas (Nopa) estima um aumento do esmagamento de soja americana para janeiro de 2020/21, e que poderá afetar os já baixos estoques de passagem estadunidenses.

A tendência é que os preços internacionais continuem elevados em março, ainda sob influência da forte demanda e baixos estoques mundiais.

MERCADO NACIONAL

Com a colheita da safra brasileira de soja atrasada, há uma maior concentração de produto nos portos, dessa maneira, os prêmios em fevereiro fecharam negativos, com a tendência que permaneçam assim até que os portos estejam menos demandados.

Com os preços internacionais em alta e com o real desvalorizado, próximo de R\$ 5,40/dólar em média, os preços nacionais, de fevereiro de 2021, continuaram elevados com variação positiva média de 1,17% se comparado a janeiro de 2021 e 101% maior que fevereiro de 2020.

As exportações de fevereiro foram muito baixas devido ao atraso na colheita que, por sua vez, foi provocado pelo atraso no plantio em setembro de 2020.

A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) estima que as exportações de fevereiro de 2021 foram de apenas 2,89 milhões de toneladas, valor 40% menor que o exportado em fevereiro de 2020, 4,83 milhões de toneladas. Os motivos foram, que na última temporada, o plantio e colheita foram antecipados.

Para a safra brasileira de 2020/21, a produção de soja em grãos é estimada em 135,13 milhões de toneladas. Do lado do consumo, espera-se que as exportações atinjam um número próximo de 86,1 milhões de toneladas, número fundamentado pela forte demanda chinesa e pelo alto percentual comercializado para a safra 2020/21, que já alcançou o percentual próximo

de 65% no final de fevereiro de 2020.

A demanda interna para a safra 2020/21 está estimada entre 45 e 49 milhões de toneladas e deve manter-se aquecida em virtude do crescimento da economia, do aumento da produção de carnes para exportação e da mistura do biodiesel, que passou de B12 para B13.

Para março de 2021 é esperado que as cotações nacionais da soja permaneçam elevadas, influenciadas pela paridade de exportação, preços internacionais e dólar elevado. Cabe destacar que é esperado um menor ganho ao vendedor devido aos prêmios de porto negativos, dada a acentuada concentração da colheita. Com isso, um maior percentual de área colhida deve ocorrer em março de 2021, estimulando também uma maior exportação a partir deste mês, com portos bastante movimentados

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio regional atingiu 5.817,8 mil hectares, 6,4% de incremento em relação à área plantada na safra passada.

É esperada uma produção de 19.799,1 mil toneladas, representando incremento de 5,8% em relação ao exercício anterior.

Em Rondônia a área de soja da primeira safra está estimada em 344,7 mil hectares, aumento registrado principalmente nos municípios de Alto Paraíso, Rio Crespo, Cujubim, Porto Velho e Itapuã do Oeste. Para a segunda safra, projeta-se 26,7 mil hectares. Quando se considera as duas safras,

verifica-se aumento de 6,6% comparada à do ano passado, que atingiu 371,4 mil hectares. As áreas de soja se encontram em ascensão no estado, principalmente aquelas localizadas no entorno da capital, Porto Velho e nas proximidades dos portos do rio Madeira, onde existem grandes quantidades de terras com pastagens degradadas, preços de aquisição e arrendamentos ainda viáveis, cultivares adaptadas à região que garantem boa produtividade e o atual valor pago ao produtor que apresenta boa margem de rentabilidade. O produtor precisa declarar à Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron), até 31 de dezembro, a área de soja da primeira safra que cultivará na safra 2020/21, e até o fim de fevereiro, a área que cultivará na segunda safra. Nesse contexto, estima-se que haverá um ligeiro aumento na área de soja da segunda safra, visto que a janela para implantação do milho foi inviabilizada.

Na primeira quinzena de janeiro ocorreram chuvas abaixo do esperado. No entanto, a partir da segunda quinzena de janeiro e em fevereiro, as chuvas aconteceram de forma generalizada, não prejudicando nem o desenvolvimento da cultura, como também a colheita, contrapondo-se a um histórico de replantio, veranicos, atraso de safra e expectativa de quebra de safra. Os estágios fisiológicos da lavoura apresentam-se com 3% em enchimento de grãos, 18% em maturação, 12% apto a colher e 67% já colhido.

Na Bahia, as lavouras de soja se expandiram sobre áreas novas e sobre áreas anteriormente cultivadas com algodão. No extremo-oeste, está sendo estimado o cultivo de 1.701 mil hectares, superando a safra passada em 4,9%. Apesar da ocorrência de veranico durante vinte dias em janeiro, em fevereiro foram registrados bons índices pluviométricos, exatamente no momento em que as lavouras de sequeiro estavam na fase

de floração e enchimento de grãos. Na última semana de fevereiro foi iniciada a colheita da soja precoce, seguida da semeadura do milho safrinha por parte de alguns produtores. O percentual de áreas colhidas até o final de fevereiro foi estimado em 7%, incluindo áreas de soja precoce e de soja irrigada. Houve atraso na colheita devido às chuvas.

Em Tocantins, com a lavoura na fase de colheita, o clima continua trazendo problemas para os produtores. O excesso de chuvas ocorridas quase que diariamente e em grande volume, vem desde o início da fase de colheita obstando os trabalhos no campo. Em consequência disso, a demora na colheita tem ocasionado vários problemas, como grãos ardidos com excesso de umidade, entre 25% e 30%, grãos mofados ou até em alguns casos chegando à perda de lavouras. Onde foi possível realizar o trabalho de colheita, foi detectada produtividades iniciais na média entre 50 e 55 scs/ha.

No Maranhão, a colheita das lavouras de soja na região sul segue em ritmo relativamente moderado, com cerca de 10% colhido em virtude das condições climáticas adversas, excesso de chuvas evidenciado em algumas microrregiões, o que limita consideravelmente a semeadura e implantação das lavouras de milho safrinha, uma vez que reduz a sua janela de plantio ideal. Em razão da ampla distribuição das áreas cultivadas de soja e, igualmente, da considerável extensão territorial, é possível evidenciar diversos estágios fenológicos dessa cultura, tais como: emergência, desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e maturação. Nas demais regiões pesquisadas, quais sejam, região de Chapadinha e Baixo Parnaíba Maranhense e a região Tocantina, não se evidenciou a existência de perdas significativas em virtude da existência de fortes veranicos, e as lavouras vêm sendo conduzidas normalmente. No centro e leste, nas microrregiões de Imperatriz, Pindaré, Alto Mearim, Grajaú, Presidente Dutra

e Chapadas do Alto Itapecuru, as lavouras foram semeadas e seguem sendo conduzidas de maneira satisfatória. A área plantada nesse levantamento permaneceu no mesmo patamar da pesquisa anterior, qual seja, 2,5% superior em relação à safra anterior, saltando de 976,5 mil hectares cultivados na safra 2019/20, para 1.000,8 mil hectares na presente safra. A produtividade média esperada se encontra em torno de 3.200 kg/ha.

No Pará, como ocorreu em grande parte dos estados que produzem soja, houve aumento nos investimentos e também na área plantada. No entanto, as chuvas têm castigado a região sul e também a mesorregião sudeste, com a colheita em andamento. As duas mesorregiões calculam prejuízos consideráveis na produtividade. No tocante a infraestrutura, de pontes e rodovias intransitáveis também são questões incluídas no rol das dificuldades que o produtor enfrenta neste momento de desenvolvimento e colheita das lavouras.

No Piauí, o expressivo aumento de área na safra atual, atingindo 835,5 mil hectares, expansão de 10,1%, derivou da migração de áreas de algodão e milho primeira safra e da abertura de novas áreas, principalmente no sudoeste do estado. Cerca de 64% das lavouras estão em boas condições, 28% em condições regulares e 8% ruim. Quanto às fases das culturas, 2% estão em desenvolvimento vegetativo, 12% em floração, 42% em enchimento de grãos, 39% em maturação e 5% já foi colhido. Apesar das condições de chuvas irregulares durante janeiro, de forma geral, a cultura tem se desenvolvido sem grandes prejuízos, principalmente pelo retorno das chuvas de forma mais generalizada no início de fevereiro, que favoreceu o desenvolvimento final das lavouras gerando, no entanto, problemas no andamento da colheita, com algumas áreas registrando mais de 200 mm de chuva em uma semana. Ainda assim espera-se uma produtividade dentro da normalidade, em torno dos 3.387 kg/ha, acréscimo de 0,3% em relação à

safrá passada.

REGIÃO CENTRO-OESTE

Região bastante afetada pela instabilidade do clima, trazendo vários problemas particularmente no momento da colheita. Mesmo assim está previsto ocorrer incremento na área plantada de 3,3% em relação ao plantio passado, atingindo 17,2 milhões de hectares.

Em Mato Grosso, os trabalhos de colheita seguem atrasados, e estima-se que 56% da área de soja tenha sido colhida até o encerramento de fevereiro, visto que na mesma data do ano passado o acumulado era de 86,9%. De modo geral, a qualidade do grão é considerada satisfatória, contudo, há relatos pontuais de incidência de produto avariado e com a umidade superior aos padrões. Ainda assim, cabe destacar que as lavouras têm apresentado bom desempenho, e tais eventos não têm revertido os bons números da safra, e a produtividade média esperada é bastante positiva, na ordem de 3.473 kg/ha, patamar apenas 3,2% inferior ao recorde obtido no ciclo passado. Das áreas remanescentes, a fase predominante é a de maturação. Outro ponto a se destacar são as dificuldades de ordem logística que ocorrem atualmente em âmbito estadual. Com a concentração dos trabalhos de colheita em fevereiro, surgem diversos gargalos de escoamento em pontos de descarga, a exemplo do Porto de Miritituba(PA), em detrimento da oferta de caminhões disponíveis, o que também ocasiona maior demora nos trabalhos de colheita à medida que faltam caminhões para oferecer fluxo logístico, inclusive na origem.

Em Mato Grosso do Sul, com os atrasos na semeadura devido à seca no período de implantação e o alongamento de ciclo em consequência dos

dias encobertos em janeiro, a colheita da soja não deslanchou conforme o esperado. O ápice da operação deve concentrar até dia 20 de março, visto que 69% das lavouras estão em maturação, com algumas áreas sendo concluídas em abril, pois 16% ainda se encontram na fase de enchimento de grãos. Além dos atrasos já mencionados, a proibição da comercialização do dessecante paraquat, inflacionou os preços dos produtos substitutos, além da indisponibilidade para atender a demanda. A dessecação das lavouras antecipa em torno de 7 dias a colheita, além de se obter maior uniformidade de secamento das vagens. Com a escassez de dessecantes, os produtores estão esperando mais tempo para as lavouras maturarem naturalmente, e tem ocorrido aumento de perdas na colheita devido à presença de maior número de vagens verdes que não debulham e são jogadas fora, seja pela própria colhedora ou no processo de pré-limpeza dos armazéns, quando são classificadas como impurezas, gerando descontos. Alguns municípios situados ao sul do estado relataram elevado abortamento de vagens de soja em consequência dos muitos dias com chuva e nublados em janeiro e ao norte, nas lavouras mais atrasadas e que são cultivadas em regiões arenosas, há expectativa menor de rendimento devido aos períodos de clima adverso e cultivo fora da época ideal, esses fatos representaram leve reflexo negativo na produtividade média estadual. Com 15% da soja colhida, a produtividade média estimada está em 3.630 kg/ha. As lavouras atrasadas começam a sofrer pressão de percevejos migratórios das áreas colhidas e em maturação, demandando maior monitoramento e pulverizações de inseticidas para evitar perdas de produtividade e qualidade dos grãos.

Em Goiás, até o encerramento em fevereiro, o índice de colheita atingiu 56% da área total; No sudoeste goiano (principal região produtora) a colheita deve finalizar por volta de 10 de março. Nas demais regiões

podem se estender até meados de abril (regiões que tradicionalmente não possuem a segunda safra de milho). As produtividades médias relatadas se encontram acima de 3.700 kg/ha. As lavouras se encontram, em sua maioria, nos estágios de maturação, e apresentam boas condições de desenvolvimento. Em torno de 10% das áreas ainda estão na fase de enchimento de grãos, portanto, as chuvas colaboraram nesta fase. Observa-se no oeste, região onde ocorreu a expansão agrícola com a cultura da soja, as lavouras ainda estão na fase de enchimento de grãos. São esperadas boas produtividades, apesar da escassez hídrica observada no início da safra, e são observados replantios em grandes municípios produtores. No momento, a umidade elevada prejudica a velocidade da colheita dos grãos.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste está previsto incremento expressivo de 11,7% na área plantada, atingindo 3.079,5 mil hectares. A produção também registra aumento de 12,2% em relação ao ano passado, atingindo 11.371,1 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a lavoura da soja aparece como a principal estratégia de plantio do produtor e para a segunda safra, configura-se neste momento a preferência para milho ou sorgo. Os preços da soja induziram a decisão do produtor de aumento na área. Há muita soja ainda no campo, estimando-se que aproximadamente 25% já tenha sido colhida. Calcula-se que 60% das áreas estejam em maturação, os restantes, 15%, nos estágios anteriores.

Em São Paulo, nas regiões sul e sudoeste, a soja apresenta desempenho

satisfatório. As lavouras plantadas mais precocemente sofreram com as estiagens de outubro e novembro. Contudo, as chuvas regulares de dezembro e janeiro contribuíram para a melhoria da situação e as expectativas são de que a soja atinja o seu potencial produtivo. Em algumas localidades a produtividade pode atingir a média de 4.200 kg/ha. As lavouras se concentram nos estágios de maturação e colheita. Com as chuvas em demasia, a soja alongou o ciclo de enchimento de grãos, atrasando o início da maturação. Alguns produtores com contratos de entregas próximos, reportam preocupação e estimam que a continuidade das chuvas possa favorecer o surgimento de pragas. Na região do Vale do Paranapanema, próxima à divisa com o Paraná, a área plantada aumentou nas últimas safras, com a presença de lavouras irrigadas. Estas lavouras, na sua maioria, já foram colhidas.

REGIÃO SUL

É esperado um incremento na área plantada de 2,3% em relação ao observado no exercício anterior, atingindo 12.368,4 mil hectares. A região deverá apresentar forte produção, comparada à safra passada, severamente afetada pelas condições adversas do clima.

No Paraná, a colheita avançou muito pouco em fevereiro apesar de 35% da área semeada já ter mais de 140 dias de ciclo. Mesmo as sojas precoces tiveram alongamento relevante no ciclo devido à falta de luz em janeiro. Os atuais 10% colhidos devem saltar para 75% no final de março, segundo as previsões e se o tempo colaborar. As condições das lavouras são as mais diversas. O excesso de chuvas trouxe muitas doenças, principalmente ferrugem e mofo-branco. Atualmente, a falta de chuvas em fevereiro (20 dias sem chover em muitos municípios) degradou as lavouras e comprometeu

o enchimento de grãos das áreas mais tardias. Houve também muitos casos de abortamento de vagens devido à falta de luz, comprometendo a produtividade. Relata-se também doenças nas raízes e grãos ardidados e brotados. Todos esses fatores somados apontam para queda no rendimento de mais de 8% em relação ao ano passado, podendo a quebra ser maior se as condições climáticas adversas persistirem.

Em Santa Catarina, as lavouras têm sido favorecidas pelo regime de chuvas deste ciclo agrícola. Ainda que algumas áreas semeadas em setembro e outubro, 37,2% do total, tenham sofrido com a estiagem, o restante foi beneficiado por precipitações constantes e volumosas principalmente em dezembro e janeiro. Enquanto a expansão da área semeada contribuiu com 2,1% em relação à safra anterior, a produtividade aporta, até o momento, um acréscimo de 10,2%, e a produção um crescimento de 12,5%. O ponto de atenção no momento é a redução observada nos níveis acumulados de chuvas em fevereiro, uma vez que ainda há 54% da área em granação e desenvolvimento vegetativo.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de fevereiro, de maneira geral, favoreceram o desenvolvimento da soja, ao apresentar uma sequência de dias ensolarados e não muito quentes, que aliado à boa disponibilidade de água no solo devido às chuvas de janeiro e início de fevereiro, propiciaram grande acúmulo de fotoassimilados e, conseqüentemente, ótimo potencial produtivo. Ainda sob o efeito do fenômeno La Niña que provoca muita irregularidade na distribuição das chuvas, algumas lavouras, a depender do local, tipo de solo e data de semeadura, já apresentam redução de potencial produtivo e, caso não haja o retorno das chuvas nos próximos dias, o estado como um todo passa a ser penalizado na produtividade média. A apreensão é maior nas lavouras semeadas mais tarde e que se encontram em floração ou

enchimento de grãos. Com 100% da área semeada, temos 8% em maturação, 55% em enchimento de grãos, 32% em floração e 5% em desenvolvimento vegetativo. Pontualmente algumas áreas já foram colhidas, mas ainda não chega a 1%. As regiões mais adiantadas estão no Planalto Médio e Superior, enquanto que mais a oeste do estado, em virtude da demora para a regularização das chuvas, a semeadura foi atrasada praticamente em um mês. Em ambas as regiões houve relatos de grande incidência de mofo-branco e infestação de buva. As condições de desenvolvimento têm sido favoráveis, de forma que as expectativas de produtividade são otimistas, todavia, é de suma importância que ocorram novas precipitações em março para a consolidação da produção.

QUADRO 7 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				

Continua

Legenda – Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva				Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				



Foto 4 – Colheita de soja em Nova Alvorada do Sul - MS

Fonte: Conab.

Foto 5 – Soja em enchimento de grãos no Piauí



Fonte: Conab.

Foto 6 – Soja em ponto de colheita no Piauí



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.390,4 mil ha
2,1%

PRODUTIVIDADE

2.693 kg/ha
1,1%

PRODUÇÃO

6.437,4 mil t
3,3%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 227,4 mil t
PRODUÇÃO 6.234,6 mil t
IMPORTAÇÕES 6.600 mil t
13.062,0 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 11.599 mil t
EXPORTAÇÕES 900 mil t
12.499 mil t

Suprimento e demanda referentes à safra de 2020

A cultura é a mais prolífica entre os cereais de inverno produzidos no país, sendo que na safra passada, alcançou cerca de 6,2 milhões de toneladas, em uma área semeada de aproximadamente 2,3 milhões de hectares.

Para essa temporada, a estimativa inicial é de aumento na área plantada em comparação a 2020, devendo favorecer o resultado final obtido. O cultivo deve se estabelecer por quase todas as regiões brasileiras, com destaque para a produção no Sul (principalmente Paraná e Rio Grande do Sul), Sudeste (São Paulo e Minas Gerais) e Centro-oeste (especialmente Mato Grosso).

A perspectiva é que a partir de março sejam implantadas as primeiras lavouras, particularmente àquelas que dispõem de sistema de irrigação complementar para seu cultivo.

OFERTA E DEMANDA

Em fevereiro de 2021, o mercado doméstico apresentou valorização em suas cotações mensais em meio a um cenário com menor disponibilidade de

trigo, apesar da retração de 30% da moagem no período. A movimentação foi lenta no mês analisado, e os agentes encontravam-se otimistas diante da redução nas cotações do trigo argentino, que voltou a ser mais competitivo. A média do Paraná foi cotada a R\$ 76,01 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 5,6%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 76,65 a saca de 60 quilos, apresentando valorização de 4,5%.

Já no mercado internacional, as cotações apresentaram valorizações devido ao clima desfavorável em algumas regiões dos Estados Unidos, ofertas escassas no Mar Negro e mediante compras feitas por importantes importadores mundiais. A média de fevereiro de 2021 da cotação FOB Golfo foi de US\$ 289,38 a tonelada, apresentando valorização mensal de 0,8%.

Foi importado em fevereiro de 2021 449,6 mil toneladas, visto que 84,2% foi de origem argentina, 11,3% do Paraguai, 4,4% dos Estados Unidos e 0,11% do Uruguai. No mesmo mês, o Brasil exportou 121,3 mil toneladas.

Foram revisados os números referentes às importações, que passou de 6.800 mil toneladas para 6.600 mil toneladas, bem como o do volume a ser exportado, que passou de 700 mil toneladas para 900 mil toneladas. Foi reajustado também o consumo interno, no que se refere à moagem industrial.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
2020	227,4	6.234,6	6.600,0	13.062,0	11.599,0	900,0	563,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de passagem - Trigo: 31 de Julho.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Para a safra atual total de amendoim neste ciclo 2020/21, projeta-se para um aumento de 2,7% na área em comparação com o ciclo anterior, e uma produção de 575 mil toneladas, 3,1% maior que a safra passada.

Na Paraíba, estima-se uma estabilidade na área e na produção de 600 hectares.

Em São Paulo, em razão do amendoim ser uma cultura que forma suas vagens no interior do solo, a colheita necessita de um maior número de operações. No Brasil, a colheita totalmente mecanizada ocorre principalmente nas lavouras de São Paulo, onde os produtores são mais tecnificados.

Esse segmento vem utilizando a colheita mecanizada em todas as etapas do processo de colheita, o que tem reduzido o uso da mão de obra na colheita, diminuindo conseqüentemente o custo de produção, além de aumentar substancialmente o rendimento operacional, o que tem melhorado a qualidade deste amendoim, uma vez que a operação se torna mais ágil, diminuindo o tempo que o produto fica exposto às variações climáticas no campo.

O amendoim teve, na presente safra, um atraso no seu plantio em razão das poucas chuvas que ocorreram entre agosto e meados de novembro de 2020. Seu efetivo plantio se deu a partir da segunda quinzena de

novembro, estendendo-se até metade de dezembro de 2020.

Em relação à safra passada, há a estimativa de um crescimento de 4,2% na área do amendoim primeira safra, e uma redução de 29,8% na área dessa cultura de segunda safra.

No Paraná, a cultura de primeira safra do amendoim tem pouca expressão econômica no estado e é cultivada com baixa tecnologia. Por esse motivo, os revezes climáticos não afetaram a produtividade, uma vez que esta já é bem baixa. A expectativa de produtividade é de 6% menor que à safra passada devido à seca na ocasião do plantio, e um aumento de 15% na área e de 8,9% na produção em relação ao ano anterior.

QUADRO 8 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2020						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

GERGELIM

Para esta temporada, a estimativa de produção total de gergelim, na safra 2020/21, é de uma área plantada de 175 mil hectares, e produção de 95,8 mil toneladas, mantendo-se assim, uma estabilidade em relação ao ano anterior.

Em Mato Grosso, maior produtor brasileiro, a cultura do gergelim segunda safra teve um grande crescimento nas últimas safras, chegando a contabilizar 172 mil hectares, com maior concentração de seu plantio na região do Vale do Araguaia.

Neste momento, ainda existe uma indefinição acerca da continuidade de sua expansão para a safra 2020/21. Se, por um lado, o resultado da cultura no ciclo passado foi bastante negativo devido às dificuldades no manejo e problemas com sementes, que reduziram o rendimento médio para próximo de 500 kg/ha, por outro, o quadro que se desenha, especialmente no Vale do Araguaia, pelo atraso na colheita de soja, que tem encurtado a janela para o milho de segunda safra, há boas perspectivas para a produção do cereal.

GIRASSOL

A estimativa para a safra 2020/21 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 30,9 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à retração de 34,4% na área.

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e

humana.

Em Mato Grosso, a semeadura do girassol segunda safra se iniciará em março e se limitará a apenas 8,5 mil hectares em âmbito estadual, com redução de 66,3% em relação ao último ciclo, quando 25,2 mil hectares foram semeados.

O fator central para a referida queda é a concorrência com o milho segunda safra, cuja liquidez e cujos preços têm aumentado safra após safra, motivando o produtor a cultivar o milho em detrimento ao girassol segunda safra.

Por se tratar de uma cultura estritamente dependente de indústria próxima para o processamento, a comercialização ocorre de forma antecipada, praticamente em sua totalidade. A cotação para o produto convencional e para o alto oleico, muito superiores às pagas no ciclo passado, mesmo assim não animaram os produtores a semear o girassol no estado.

Em Goiás, a estimativa de área plantada deve se manter próxima à safra passada: 20 mil hectares, uma vez que praticamente toda a produção é destinada à indústria de óleo de girassol situada no sul do estado.

As lavouras, na sua maioria, possuem recursos próprios, algumas financiadas com apoio e assistência técnica da empresa contratante da produção e de revendas que disponibilizam sementes de qualidade para o produtor.

O plantio deve se iniciar em março, com previsão de colheita em maio/junho, com produtividade esperada de pelo menos 1.689 kg/ha.

Em Minas Gerais, a maior contratante junto aos produtores mineiros já relatou que tem interesse de trabalhar no mercado mineiro novamente.

A safra será mais bem avaliada dentro de dois meses, período em que o plantio estará mais efetivo no estado.

Há sinais de maior contratação e, neste levantamento, uma pequena área sinaliza o retorno do plantio na cidade de Tupaciguara.

MAMONA

A estimativa para a safra 2020/21 é de incremento na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 47,7 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem a aumento de 4,8% na área.

A Região Nordeste é a principal produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área em toda a região na ordem de 5,3% em comparação à temporada passada, alcançando 45,7 mil hectares semeados. Já a produção esperada está em 36,5 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de mamona se espalham por todo centro-norte, havendo lavouras de primeiro ciclo (plantadas a partir de outubro de 2020) e lavouras de segundo ciclo (lavouras remanescentes de safras passadas).

As lavouras de segundo ciclo tiveram a colheita iniciada, e deve se estender por todo ciclo produtivo. E as lavouras de primeiro ciclo estão em fase vegetativa e frutificação, com colheita esperada a partir de abril, e deve se estender até o fim do ano-safra.

É observado o investimento em irrigação por gotejamento e pivô central, o que gerou um aumento da produtividade, e a perenidade da produção. Devido à característica da mamoneira, a colheita de uma mesma área é realizada a cada duas ou três semanas, visto que 10% da produção esperada já foi colhida.

Em Mato Grosso, a opção pela mamona ainda esbarra em aspectos como o manejo e a tecnologia, ainda introdutórios para a cultura no estado e, especialmente nas últimas safras, na concorrência com a cultura do milho segunda safra, apesar de constituir excelente alternativa de segunda safra devido a seus benefícios agronômicos.

Há alguns anos espera-se a maior disseminação desta cultura em âmbito estadual, porém sua área ainda é bastante limitada no estado.

Seu plantio deverá ocorrer em março, e se restringirá a 2 mil hectares no estado.

SORGO

Para a safra brasileira 2020/21, a previsão é de 2,6 milhões de toneladas produzidas, 4,8% maior que a safra anterior, em uma área de 840,5 mil hectares, incremento de 0,6%, e uma produtividade estimada de 3.116 kg/ha, aumento de 4,2% em relação ao ano anterior.

No Pará, o sorgo ainda está na fase de intenção de plantio, haja vista que sua lavoura é cultivada principalmente nos intervalos das culturas de soja e milho, nas regiões sul e sudeste do estado. Estima-se um pequeno

incremento de 1,6% na área plantada, 0,4% na produtividade e de 1,9% na produção.

No Maranhão, no presente levantamento, estima-se uma redução de 7,5% na área, e um aumento de 1,3% na produção do sorgo em relação à safra 2019/20, resultado do menor interesse do cultivo desse cereal em relação ao do milho segunda safra, que nas últimas safras têm proporcionado maior rentabilidade aos produtores em razão dos preços praticados serem mais atrativos. A produtividade média esperada se encontra em torno de 2.459 kg/ha, 9,6% maior que a da safra anterior.

No Piauí, a lavoura de sorgo no estado é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio no estado ocorre no final de março.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta é destinada à ração animal (forragem). Como o levantamento considera apenas o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 400 hectares, perante 600 hectares da safra passada, ou seja, uma redução de 28%.

Na Paraíba, por fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. A previsão é de um plantio de 600 hectares.

Em Mato Grosso, a semeadura do sorgo somente ocorrerá após o plantio do milho segunda safra, sendo este o foco do produtor, neste momento,

no estado. Inicialmente projetada em 47,8 mil hectares, incremento de 2,5% em relação à safra anterior.

Os fatores que podem resultar em aumento de área são a maior resistência ao clima mais seco e também suas características de produto substituto ao milho, no que se refere à alimentação animal. Na conjuntura atual, em que se perdeu a janela ideal para culturas de segunda safra, e de cotações elevadas associadas ao milho de segunda safra, o sorgo pode ganhar mais espaço, pois seu preço é correlacionado ao do milho. No entanto, é importante destacar seu caráter apenas substituto em relação às demais culturas de segunda safra no estado, em especial, o milho, e sua área costuma ser bastante restrita no estado.

Em Mato Grosso do Sul, o sorgo cultivado em segunda safra será semeado ao final de março e início de abril, após o encerramento da operação no milho. Por ser uma cultura mais rústica, principalmente com relação à disponibilidade hídrica no solo, é um cultivo alternativo que está em crescimento na região norte do estado, tendo em vista que o fator limitante é a redução das chuvas nesta região, com a chegada do inverno.

Em levantamento preliminar, identificou-se que a área deve permanecer em estabilidade ao ano anterior, e ter uma redução de 3,7% na produtividade e de 3,6% na produção.

Em Goiás, a cultura deverá ser implementada efetivamente a partir da segunda quinzena de março, visto que na primeira quinzena o produtor ainda vai apostar no plantio do milho mesmo com reflexo negativo na produtividade. A área nesse estado deve situar em 378 mil hectares, apontando um leve aumento de área nos municípios tradicionais no sul do estado, mantendo o cultivo nas mesmas áreas e um avanço naquelas

áreas onde não for possível o plantio de milho segunda safra.

Nas áreas que não são tão tradicionais em plantio de sorgo, o fator que pode impulsionar o aumento da área plantada com essa cultura está relacionado ao estreitamento da janela de plantio do milho.

Principalmente o produtor que realizou o plantio da soja mais tardia em áreas de abertura, anteriormente ocupadas por pastagens, deve optar pelo plantio do sorgo em vez de arriscar o plantio do milho durante a segunda safra.

No Distrito Federal, a projeção para este levantamento indica redução de 9,6% na área a ser cultivada com sorgo, o plantio só ocorrerá em março, podendo sofrer novas alterações por influências climáticas ou da janela de cultivo. A área está estimada em 8.900 hectares, ante os 9.900 hectares plantados na temporada passada.

Em Minas Gerais, as áreas de sorgo estão propensas a um maior plantio a se confirmar, caso não se efetivem as áreas de milho segunda safra. Contribui para tanto, a janela de plantio e os custos de produção de sorgo. Entretanto, tal como para o milho segunda safra, há relatos de não haver tanta disponibilidade de insumos para efetivar o plantio que se pretende. Observa-se neste relatório um incremento de área como estimativa na ordem de 205,5 mil hectares, 2,4% maior que o ano anterior.

Na Bahia, estima-se a manutenção da área cultivada do sorgo para esta safra, sem alterações significativas. O plantio ocupa cerca de 50% da área esperada, estando finalizado no centro-norte e centro-sul, e será cultivado no extremo-oeste após a colheita da soja. No extremo-oeste, espera-se para esta safra o cultivo de cerca de mil hectares, com a semeadura prevista para ser iniciada em março nas áreas colhidas de soja. Como

culturas de sucessão à soja, os produtores semeiam o sorgo, milheto, milho safrinha, braquiária, dentre outras.

Em toda a região centro-norte, o cultivo do sorgo é realizado como alternativa ao enfrentamento da seca no estado, para a alimentação dos rebanhos. As lavouras estão em desenvolvimento, resistindo ao estresse hídrico dos últimos meses. Com as chuvas de fevereiro, as lavouras mudaram para um estado de melhor suprimento hídrico, variando de fases de crescimento vegetativo até a maturação dos grãos.

No centro-sul, devido à maior resistência da cultura às intempéries climáticas, quando comparadas a outras culturas, estão resistindo bem. A maioria das áreas cultivadas se encontram na fase de desenvolvimento vegetativo.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

